

João Gouveia Monteiro

Armeiros e Armazéns nos finais da Idade Média



Palimage Editores
A Imagem e A Palavra



O trabalho que aqui se apresenta foi originalmente publicado no Catálogo da Exposição “*Pera Guerrejar: Armamento Medieval no Espaço Português (Museu Nacional de Arqueologia / Igreja de Santiago do Castelo de Palmela, Abril-Dezembro de 2000)*”, de que o autor foi um dos comissários, em colaboração com Mário Jorge Barroca e Isabel Cristina Fernandes.

Apoiando-se no estudo de bibliografia, mas também em fontes documentais e iconográficas, o autor traça uma elucidativa síntese acerca dos armeiros e dos arsenais de guerra portugueses dos finais da Idade Média (assuntos muito pouco explorados pela nossa historiografia medieval): colige elementos sobre o fabrico, o armazenamento e a conservação das armas e analisa ainda o caso concreto do arsenal régio de Lisboa entre 1438 e 1448.

Este trabalho inclui a transcrição de um longo documento inédito da Chancelaria de D. Afonso V (carta de quitação ao almoxarife do armazém régio de Lisboa, de 1445), o qual, pelo manancial e riqueza da sua informação, há muito justificava uma publicação integral. Para facilidade de consulta, e dado o volume e a variedade dos elementos referidos nessa carta, o autor elaborou um útil quadro sinóptico.

Trata-se, pois, de uma obra de referência imprescindível para o estudo das armas, em particular, e da guerra, em geral, no espaço português dos finais da Idade Média.

ARMEIROS E ARMAZÉNS
NOS FINAIS DA IDADE MÉDIA

UISEU • 2001

Título: *Armeiros e Armazéns nos Finais da Idade Média*

Autor: João Gouveia Monteiro

Capa: *Chapéu de Armas*. Séculos XV-XVI

Porto, Museu Militar

Fotografia: João Gouveia Monteiro

Arranjo Gráfico: Palimage Editores

© 2001 Centro de História da Sociedade e da Cultura
e João Gouveia Monteiro

Direitos reservados por Palimage Editores, Lda.

Edição: Palimage Editores

Apartado 3105

3511-902 VISEU

Tel. 232 432 244

Fax 232 432 247

e-mail: palimage@palimage.pt

site: www.palimage.pt

Depósito Legal n.º 162035/01

ISBN 972-8575-20-3

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO

ARMEIROS E ARMAZÉNS
NOS FINAIS DA IDADE MÉDIA

Palimage Editores
A Imagem e A Palavra

NOTA PRÉVIA

O Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra é constituído por várias Linhas de Investigação, uma das quais, a Linha IV, subordina-se à temática: Estudo e Publicação de Fontes. Sucedânea da antiga Linha III, com o mesmo nome, é uma das mais antigas áreas de pesquisa do Centro. Foi coordenada cientificamente durante muitos anos, pelo saudoso senhor Doutor Avelino de Jesus da Costa, insigne professor da Faculdade de Letras da nossa Universidade e notável investigador do organismo em epígrafe.

Cabe à Linha IV, na sequência do que se vinha praticando, entre outras acções e tendências científicas, promover o estudo e respectiva publicação de fontes, medievais ou modernas, latinas ou portuguesas, de natureza histórica ou literária. Todavia, recentemente, entendeu a Direcção do Centro criar um plano editorial afecto exclusivamente àquela Linha, o que permitirá maior visibilidade do trabalho que neste campo se for realizando. É, pois, com grande regozijo que escrevo as palavras de apresentação daquele que é o primeiro livro editado no âmbito de uma política de dinamismo e desenvolvimento que está a caracterizar o Centro, em geral, e, em particular, a Linha IV. Trata-se de Armeiros e Armazéns nos finais da Idade Média, da autoria de João Gouveia Monteiro. Professor Auxiliar da Faculdade de Letras de Coimbra, este investigador tem-se distinguido pelo seu pioneirismo na investigação da história militar medieval portuguesa. É mesmo o autor da primeira tese de doutoramento, apresentada em Portugal nesta área historiográfica, intitulada A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média (1998). Aliás, a esta, e também à obra Os castelos portugueses nos finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando (1999), foi atribuído o Prémio Defesa Nacional em 1997 e 1999, respectivamente.

Na linha, portanto, de uma especialização que João Gouveia Monteiro, em boa hora, abraçou, surge, agora, em livro, Armeiros e Armazéns nos finais da Idade Média.

Em mais de três dezenas de páginas o Autor disserta sobre a evolução da organização militar portuguesa na Idade Média. Detém-se, particularmente, e como o título indica, nos homens que faziam as armas (os armeiros) e nos locais onde as mesmas eram guardadas e conservadas (os armazéns). Nesta abordagem, ressalta, inequivocamente, o saber acumulado pelo autor que gera, de facto, um domínio, sem reservas, do fenómeno da guerra em Portugal nos tempos medievos.

A fonte publicada é de uma riqueza extraordinária. Trata-se da cópia de chancelaria de uma carta de quitação outorgada por D. Afonso V a Gonçalo Afonso, almoxarife do armazém da cidade de Lisboa, entre 1 de Janeiro de 1438 e o mesmo dia e mês de 1448. A carta, cujo original se desconhece, foi passada em Lisboa no dia 21 de Julho de 1455. Nela está bem patente o fim útil da escrita e a alta função administrativo-validatória que este saber, sobretudo a partir do século XV, desempenhou na orgânica da administração central do Reino português.

A partir dos livros de receita e de despesa do Arsenal Régio, elaborados por escrivães durante um período de dez anos, foi possível a Afonso Álvares redigir a extensíssima e complicadíssima carta de quitação que felizmente João Gouveia Monteiro nos dá a conhecer, pois estava inédita¹.

Por um excelente «quadro sinóptico» do teor desta carta, o leitor pode, rapidamente, avaliar como Gouveia Monteiro não exagera ao escrever que se trata de «um verdadeiro miradouro sobre o armamento militar armazenado no grande arsenal português de meados de Quatrocentos». Na verdade, entre o recebido e o despendido, é possível contar milhares e milhares de peças de armas: umas defensivas, outras ofensivas, umas próprias para

¹ Recordo que este trabalho foi originalmente publicado pelo Autor no Catálogo da Exposição «Pera guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português» (Mário J. Barroca, João G. Monteiro e Isabel Cristina Fernandes, Câmara Municipal de Palmela, 2000). Já aí foi transcrito o documento. Esta é uma edição ligeiramente revista e aumentada.

cavalos, outras para caçar, esgrimir ou tornejar, enfim, umas nacionais outras importadas. Um glossário, sempre diplomaticamente aconselhável em edições desta natureza, dá-nos conta do nome das «coisas» e do seu significado, cada vez mais distante, de todos nós.

Armeiros e Armazéns nos finais da Idade Média constitui, assim, mais um admirável e valioso contributo da pena de João Gouveia Monteiro, para uma área de conhecimento que como tantas outras andavam esquecidas ou mesmo ignoradas.

A terminar, cabe registar, com apreço, que a edição deste livro contou com o patrocínio da FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia) e em particular do Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III. À Palimage Editores ficar-se-á a dever todo um dedicado e competente trabalho de impressão e publicação que nos apraz salientar.

Coimbra, 17 de Maio de 2001

A Coordenadora da Linha Estudo e Publicação de Fontes
do Centro de História da Sociedade e da Cultura.

MARIA JOSÉ AZEVEDO SANTOS

O CASO DO ARSENAL RÉGIO DE LISBOA (1438-1448) *

1.

Na Idade Média não havia, como se sabe, exércitos permanentes. As hostes, mesmo as hostes do rei, eram compostas por guerreiros recrutados 'ad hoc' para esta ou aquela campanha militar. Recrutamento heterogéneo e provisório, pois, que enfatizava a debilidade da organização militar medieva. E que ajuda a compreender a simplicidade, o pragmatismo, do principal critério de equipamento marcial desses combatentes: cada qual trazia de casa as suas armas, tal como o fazia com a alimentação que haveria de consumir ao longo dos primeiros dias de campanha...

Dentro deste contexto, a posse das armas assumia uma configuração muito especial. Objecto pessoal, individual, as armas eram tidas como um património precioso, transmitido de geração em geração, com o carinho e até a sacralidade que a tradição normanda, entre muitas outras, tão bem documenta. Por este motivo, não era raro ver as armas incluídas nas disposições testamentárias. Ou assistir ao combate das autoridades coevas contra a alienação fácil de armamento através, por exemplo, da proibição aos fiadores de receberem armas como forma de pagamento de dívidas, ou do desencorajamento à exportação deste tipo de material. Ao mesmo tempo, adquire também especial significado a verificação, fácil de fazer em todo o Ocidente europeu, da presença das armas (ou, tão só, de

* O trabalho que aqui se apresenta foi originariamente publicado na Introdução ao Catálogo da Exposição «*Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português*», organizada pela Câmara Municipal de Palmela e pelo Museu Nacional de Arqueologia e patente ao público entre 4 de Abril e 17 de Dezembro de 2000. O autor (que, juntamente com o Prof. Doutor Mário Jorge Barroca, foi Comissário Científico dessa primeira grande exposição exclusivamente dedicada ao armamento medieval português) agradece à edilidade palmelense, e em particular à S.^{ra} Vereadora para a Cultura, D. Adília Candeias, a autorização concedida para a reprodução integral do texto em apreço nesta Colectânea.

matérias primas adequadas ao seu fabrico) entre as ofertas mais apreciadas na Idade Média. Como deu a conhecer Claude Gaier, o famoso hoplogista belga que à questão do armamento nos Países Baixos entre os séculos XIII e XV dedicou um estudo que se tornou clássico, em 1434, Filipe-o-Bom (duque da Borgonha e marido da nossa D. Isabel, uma das filhas nascidas do casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre) decidiu oferecer a D. Duarte algumas peças de artilharia. Uma valiosa prenda que, cerca de uma dúzia de anos mais tarde, o Regente D. Pedro retribuiria, mediante o envio a Filipe e a Isabel de uma grande quantidade de madeira (decerto da tão apreciada madeira de teixo portuguesa) destinada ao fabrico de bons arcos de flechas (cf. GAIER 1973, p. 76).

Paralelamente, o carácter tão individual da posse das armas de guerra na Idade Média fazia com que elas funcionassem como um verdadeiro signo de 'distinção social', ajudando a definir hierarquias e categorias sociais: afinal, cada um comprava na qualidade e na quantidade correspondente à sua fortuna pessoal, e a tendência para o entesouramento de material de guerra tão característica da aristocracia militar medieva não pode ser dissociada dessa circunstância.

À simples compra havia, no entanto, diversas alternativas, as quais os séculos XIV e XV, as centúrias 'terminais' da Idade Média, continuam a documentar: a herança, pois claro, mas também o empréstimo, o aluguer (por exemplo, para torneios ou justas, um divertimento então muito em voga no mundo cortesão), o despojo de guerra (resultante da partilha do botim capturado nos campos de batalha ou nas praças tomadas de assalto), ou até o simples confisco, geralmente consequência do porte ilícito das armas.

Como quer que seja, certo é que a posse de armas, em particular das consideradas mais emblemáticas, como a espada ou a lança dos cavaleiros, era motivo de orgulho, de distinção, e suscitava a admiração dos contemporâneos. Recorde-se, por exemplo, como, através do seu túmulo (que ainda hoje podemos apreciar na Igreja de S. João de Alporão / Museu Municipal, em Santarém), João do Sem, o famoso letrado de D. João I, falecido em 1422, transitou para a posteridade representado com um livro na mão esquerda e ... uma espada na mão direita.

Nestes termos, parece ter razão Claude Gaier (1973, p. 315) quando refere que, na Idade Média, cada homem era um potencial cliente dos armeiros. Não tanto porque o dominasse a ideia de uma renovação tecnológica regular do equipamento militar. Mais pela consciência, que a experiência avivava a cada passo, de que as armas também se deterioravam, também 'caducavam' e, com isso, urgia mandar limpá-las e, em último caso, substituí-las por outras. Evidentemente, esses armeiros eram, na sua grande maioria, artesãos locais trabalhando por conta própria, ainda que potencialmente inscritos no universo tão peculiar das corporações.

De facto, a ideia da criação de grandes depósitos de armas, capazes de satisfazer as necessidades individuais, é uma ideia muito tardia, que, também entre nós, a Idade Média não consagrou, seguramente, antes do seu período outonal. À excepção, talvez, dos depósitos de armas disseminados pelos castelos do reino. Mas mesmo esses, e como veremos mais adiante, deixavam muito a desejar, especialmente no que toca às condições em que se verificava o acondicionamento dessas armas e ao (pouco) escrúpulo que era posto (fortalezas tuteladas pelas Ordens Militares provavelmente à parte) na sua inspecção regular. Uma última possibilidade consistiria na existência de boas armarias privadas, ligadas a grandes senhores (laicos ou eclesiásticos) ou ao próprio rei, uma solução que, no entanto, também só os séculos XIV e XV acabarão por consagrar em definitivo.

2.

Nos finais da Idade Média deu-se, efectivamente, uma tentativa concertada e coerente da Coroa portuguesa para chamar a si, a diversos níveis, o controlo da organização militar do reino. Por exemplo, foi nesta altura que se verificou uma importante reforma dos quadros da administração central, no plano militar, com a valorização declarada dos fronteiros-mores, directamente nomeados pela realeza e a ela intimamente ligados, os quais, em tempo de guerra, esvaziavam quase por completo as competências de coudéis, de anadéis e dos restantes ofícios ligados à guerra, alcaldes-mores dos castelos incluídos (cf. MONTEIRO 1998, pp. 139-143). Ao mesmo tempo, registou-se também um esforço assinalável (iniciado por D. Dinis, ou mesmo por D. Afonso III, mas firmemente prosseguido por monarcas tão tardios quanto D. Fernando, D. João I ou mesmo D. João II) de construção, reparação e modernização das fortalezas do reino e das respectivas cercas urbanas, em particular das localizadas mais perto da fronteira ou em pontos fulcrais do acesso às principais praças do reino (cf. BARROCA 1998, pp. 25-30; e MONTEIRO 1999, pp. 33-194). Por outro lado, a acreditar no relato de Fernão Lopes, terá sido numa reunião do conselho régio de D. João I, realizada nos inícios do século XV, que, pela primeira vez, se pensou seriamente na constituição de uma espécie de 'exército fixo de defesa': a «hordenança çerta pera deffenssam de seus reinos, de tres myl e duzentas lamças»¹.

¹ Cf. Fernão Lopes, *Crónica de D. João I, Segunda Parte* (a partir de agora citada apenas por CDJ, II), cap. CII, p. 453.

Ora, esta evolução na forma da monarquia pensar a guerra teve também os seus reflexos no plano do armamento. Como é sabido, foi com D. Fernando que se deram reformas decisivas no plano do equipamento militar, provavelmente por influência da presença em Portugal de um vasto contingente mercenário inglês, às ordens do Conde de Cambridge, durante a guerra de 1381-82 contra Castela. E foi nesta altura que se começou também a reforçar, deliberadamente, a política proteccionista da realeza para com os armeiros que laboravam no nosso pequeno reino. Uma política que monarcas anteriores (como, por exemplo, D. Dinis) já haviam ensaiado, mas que terá sido agora, nos finais do século XIV e sobretudo durante o século XV, objecto de uma redobrada atenção. Conhecemos muitos testemunhos desta 'boa relação' dos monarcas tardo-medievais portugueses com os fabricantes (ou os 'limpadores', a distinção não é despicienda) de armas. Ela espelha-se, desde logo, no grande número de privilégios que foram concedidos a armeiros ao longo do período em causa (muito em especial durante o terceiro quartel do século XV):

A maioria dessas cartas de mercê encontra-se entre a documentação das Chancelarias Régias (em particular na Chancelaria de D. Afonso V) e uma grande parte dela foi já dada a conhecer por Sousa Viterbo (1907 e 1907b). Daremos apenas alguns exemplos. Em 1397, **Mestre Alberto**, armeiro do rei (de nacionalidade alemã, como adiante veremos) viu os seus bens confirmados por D. João I (empenhado no seu regresso a Portugal), que considerou também extinta uma dívida de 1.000 libras que remontava ao tempo de D. Fernando e que o armeiro alegava ter já pago com o fabrico de algumas armas, conquanto não pudesse disso apresentar os respectivos alvarás, por os ter perdido a caminho do seu país².

Em 1444, o Regente D. Pedro isentou o armeiro **João Gomes**, morador em Évora, de encargos e servidões, de ir com presos e com dinheiros, e de ser alistado como besteiro do conto; o privilégio foi outorgado a pedido do concelho de Évora, por João Gomes ser um bom oficial do seu ofício e por ser de todo conveniente que ele quisesse continuar a residir e a trabalhar naquela cidade (VITERBO 1907, p. 89). Exemplo de nomeação de um armeiro para o exercício de um cargo público é o que se passou com **Pero Lourenço**, «asteeiro» na vila de Mértola, a quem D. Afonso V reconduziu (em 1454) como tabelião do cível e crime naquela vila e no respectivo termo (VITERBO 1907b, p. 130). Em 1462, **Pero Gonçalves**, morador no termo de Mogadouro e oficial de fazer bestas, viu

² Cf. AN/TT, Chancelaria de D. João I, Livro 5, fl. 33 (de 26/Fev.º/1397).

O Africano conceder-lhe uma apetecida carta de privilégio de besteiro da câmara (VITERBO 1907b, pp. 99-100). Em 1466, o mesmo monarca autorizaria o alfage-me lisboeta **Lopo Madeira** (primo de um trombeta do rei, que por ele intercedeu junto do monarca) a trazer as armas que quisesse por todo o reino, de dia ou de noite (VITERBO 1907, p. 113).

Mas conhecemos casos de armeiros ainda com mais sorte. Por exemplo, **Vasco Fernandes**, mestre de fazer bestas e coronhas em Santarém, foi agraciado, em 1450, com uma carta de privilégio em que, para além da concessão de numerosas isenções, se previa que este armeiro haveria de receber anualmente da Coroa a «contia» de 500 libras, tendo ainda direito a auferir um soldo em tempo de guerra, proporcional ao número de bestas que apresentasse (VITERBO 1907b, pp. 79-80). Um outro bom exemplo é **Gil Gonçalves**, armeiro de D. Afonso V e residente em Lisboa, a quem, em 1456, o monarca tomou por seu próprio vassalo (com todos os privilégios e liberdades inerentes) e a quem concedeu ainda, dois anos volvidos, autorização de porte de armas para sua defesa em todos os lugares do reino (VITERBO 1907, p. 98).

Não nos parece necessário multiplicar os exemplos. Certo é que, abrangidos por tais (ou por outros) privilégios, encontramos armeiros de todo o tipo: alfage-mes, bainheiros, cutileiros, «asteeiros», viroteiros, armeiros de fazer espadas, bestas e coronhas, malheiros, limpadores de armas e malhas, solheiros, armeiros de fazer arneses, celadas e barretas, couraceiros, gibaneteiros, espingardeiros, bombardeiros (estes dois últimos mais na segunda metade do século XV — inícios do século XVI), a par de armeiros-ferreiros e de seleiros, também eles bastante ligados à guerra. Destaque-se a forte presença dos mestres de fazer bestas, ainda na segunda metade de Quatrocentos, justamente a par dos primeiros espingardeiros. Curiosamente, e como já foi observado por Sousa Viterbo, é até relativamente fácil localizarmos armeiros (sobretudo de origem judaica) que fabricavam, simultaneamente, bestas e espingardas (VITERBO 1907b, p. 1).

Uma outra preocupação que, no seu esforço por apoiar o mester das armas, a Coroa portuguesa dos finais da Idade Média parece ter evidenciado foi a de poder contar com armeiros em todas as cidades, ou, pelo menos, nas principais cidades do reino. Assim, encontramos armeiros em grandes centros como Lisboa, Coimbra, Porto, Évora ou Santarém, a par de outros que laboram em Guimarães, Óbidos, Tavira, Aveiro, Mértola ou Setúbal. Segundo Vitoriano José César, D. João I terá, por exemplo, concedido privilégios a dois armeiros do Porto, para fabrico de gibanetes e de armas brancas, assumindo o monarca o compromisso de lhes adquirir anualmente 100 corpos de couraça e 50 capacetes com as respectivas babei-ras (cf. CÉSAR 1929, p. 544). Não sabemos em que fonte se baseou este autor

para fazer uma tal afirmação. Mas acreditamos que o caso seja verdadeiro. De resto, monarcas posteriores, como D. João II, revelariam preocupações muito semelhantes. Segundo refere Álvaro Lopes de Chaves, secretário do rei, no seu célebre «Livro de Apontamentos (1438-1449)», em 1485, o *Príncipe Perfeito* engendrou um plano para fixar armeiros e casas de armas nas quatro principais cidades do reino a seguir a Lisboa: Porto, Santarém, Évora e Coimbra. Esse plano previa a concessão de uma tença anual de 400.000 réis (a pagar com as rendas do conceelho) a um gibaneteiro ou a um mestre de fazer armas brancas que ali quisessem morar; simultaneamente, previa-se uma outra tença (no valor de 2.000 réis por ano e com a mesma origem) a atribuir a um armeiro de limpar e guarnecer armas que quisesse residir e trabalhar nalguma daquelas quatro cidades (cf. A. L. CHAVES, pp. 272-273). Cerca de vinte anos mais tarde, D. Manuel I consideraria de forma particular o caso de Lisboa, ao estabelecer um importante privilégio, previsto para ser outorgado a 12 armeiros de Lisboa (a cidade que, alegadamente, mais necessidade tinha destes mesterais): 5 couraceiros, 3 fabricantes de armas brancas, 2 limpadores de armas brancas (sempre a mesma distinção entre o «fabricante» e o «limpador») e 2 malheiros, os quais ficariam isentos de servir na guerra (salvo com o rei ou com o seu filho) e usufruiriam do importante direito de porte de armas e, o que é mais, de isenção de sisa na compra ou venda de armas³.

A preocupação da Coroa com a existência de armeiros nas cidades do reino não se circunscrevia, contudo, aos centros urbanos mais populosos. Localidades havia que, pela sua proximidade da fronteira, mereciam também uma atenção especial neste domínio. Por exemplo, nas cortes de Lisboa de 1439, o rei acedeu de bom grado a um pedido que lhe foi feito pelos procuradores do concelho de Elvas. Diziam eles que, por motivo de um homicídio ocorrido em Évora, onde vivia, se tinha homiziado em Badajoz o armeiro-ferreiro Martim Gil. Ora, como se tratava de um excelente oficial, que muito útil poderia ser à fronteiraça praça de

³ Cf. AN/TT, Leitura Nova, Livro 13 da Estremadura, fls. 196-197v.º (de 13/Jan.º/1508). Realce-se, a propósito, este aspecto da isenção de sisa para compra e venda de armas habitualmente concedida aos armeiros, que assim 'seguiam à frente' (a par de outros grupos de reconhecida importância) num domínio sensível da vida social e da segurança do reino (acerca da generalização, ao menos até meados do séc. XV, deste privilégio aos fabricantes de armas, veja-se também AN/TT, L. Nova, Livro 3 de Além-Douro, fl. 294, de 27/Julho/1462). Por outro lado, esta ligação íntima dos armeiros ao mundo das armas também ajudará a compreender melhor o envolvimento de vários desses homens em questões ligadas ao contrabando de armas, ou a rixas e «arroidos» fatais (de que veremos um bom exemplo já de seguida).

Elvas, pediam esses procuradores ao monarca (ou ao Regente por ele) que desse a Martim Gil por couto (i. e, por lugar para o cumprimento da pena a que estava sujeito) a vila de Elvas⁴. Igualmente emblemático é um caso ocorrido nas cortes de Évora de 1447, onde o concelho de Tavira alegou junto do infante D. Pedro que enviara a Sevilha por um armeiro de fazer solhas, celadas e barretas, a quem depois atribuíra uma determinada tença, além de uma casa de morada. A experiência resultara em cheio, pois há já alguns anos que o armeiro sevilhano, de nome Antão Martins, trabalhava em Tavira, fazendo muito boas armas. Por este motivo, pretendiam os procuradores algarvios, não só aumentar-lhe a tença, mas também responder positivamente às exigências colocadas pelo dito armeiro para permanecer em Tavira: escusa de pagar peitas e de servir por mar e por terra, escusa de ter cavalo, besta ou outras armas, e isenção de diversos encargos régios e concelhios. O Regente não hesitou em aceder ao que lhe era pedido, e declarou que, tendo por seu serviço e proveito da vila que Antão Martins continuasse a morar e a trabalhar em Tavira, outorgava em tudo o que lhe fora solicitado⁵.

Este último caso, bem como um outro já anteriormente referido (o de Mestre Alberto), convida-nos a realçar a importância de que se revestia, aos olhos da Coroa, a presença de armeiros estrangeiros no nosso país. Pela documentação que compulsámos, bem como por aquela que Sousa Viterbo e outros autores deram a conhecer, percebe-se bem como os monarcas portugueses dos finais da Idade Média recorreram e protegeram (a exemplo do que fizera já D. Dinis) os fabricantes de armas estrangeiros que quisessem vir morar e trabalhar em Portugal. O citado Mestre Alberto, por exemplo, que fora já armeiro de D. Fernando (o monarca que o terá convidado a exercer o seu ofício em Portugal) e que D. João I procurou fazer regressar ao nosso reino, foi justamente um dos poucos artífices exceptuados do cumprimento da lei dos arruamentos ordenada, parece que em 1391, pelo rei de *Boa Memória* à Câmara de Lisboa (cf. VITERBO 1907, p. 24). Mas vários outros casos se lhe sucederam. Pensamos, por exemplo, em Cristóvão Milanês, decerto um italiano, nomeado pelo Regente, em 1446, como armeiro do rei, com direito a receber de tença anual, enquanto exercesse o dito ofício, a quantia de 2.000 reais brancos, além de 2 móios de trigo⁶. Ou em Pero Castelão (natural de Cas-

⁴ Cf. AN/TT, Chancelaria de D. Afonso V, Livro 2, fl. 8 (Cortes de Lisboa de 1439, Capítulos Especiais de Elvas).

⁵ Cf. AN/TT, Leitura Nova, Livro 4 de Odiana (Guadiana), fl. 70v.º (Capítulos Especiais de Tavira às Cortes de Évora de 1447, n.º 4).

⁶ Cf. AN/TT, Chancelaria de D. Afonso V, Livro 5, fl. 70v.º (de 22/Agosto/1446).

tela, é bom de ver), a quem D. Afonso V (a pedido de um escudeiro de sua casa e por ser estrangeiro) outorgou carta de privilégio, no Verão de 1459 (VITERBO 1907b, pp. 55-56). Ou ainda, e sem pretendermos ser exaustivos, no castelhano João Martins, a quem o mesmo monarca isentou, em 1476, de servir por terra ou por mar e de pagar nos 10 reais que se cobravam para Ceuta, justamente porque era mestre de fazer gibanetes e cravações para armas e arreios para cavalos, na cidade de Lisboa (VITERBO 1907, p. 123).

A par dos oficiais estrangeiros, também judeus e mouros parecem ter estado muito ligados ao fabrico das armas, no Portugal do período que estamos a considerar. Os primeiros, peritos nas artes metálicas, eram-no também no negócio das armas. Um deles, de nome Jacob Calafora (ou Calahorra), foi escolhido por D. João II, em 1483, para malheiro do monarca, encarregado de limpar, «corregger» e reparar as armas e as malhas dos homens que compunham a famosa Guarda dos Ginetes do Rei — a quem, portanto, o judeu devia acompanhar permanentemente (cf. VITERBO 1907, pp. 40-42). Famoso ficou também um outro arneiro judeu, mestre de fazer espingardas e residente em Estremoz. Segundo deu a conhecer Sousa Viterbo, este Mousem Farache, privilegiado pelo príncipe D. João ainda em vida d' *O Africano* (1475), não só serviu a Coroa em Portugal, como também nas praças norte-africanas (cf. VITERBO 1907b, pp. 75-76). No que diz respeito ao contributo de armeiros mouros, e apesar de Sousa Viterbo os recordar como autênticos especialistas (até porque existe «uma espécie de ferro denominado 'aço mourisco'», sem esquecer a origem árabe de termos com «alfageme» e outros estreitamente ligados ao mundo das armas: cf. VITERBO 1907b, p. 1), cremos que seriam, sobretudo, ferreiros, como o Mafamede que descobrimos na mouroaria de Lisboa, no reinado de D. João I⁷.

Portugueses, estrangeiros, judeus ou muçulmanos, o que importava, em todo o caso, na perspectiva da Coroa, é que fossem bons mesteirais do ofício das armas e estivessem disponíveis para trabalhar onde faziam mais falta: nas principais cidades do reino e naquelas praças que, não sendo tão grandes, a proximidade da raia tornava especialmente sensíveis. Por isso mesmo, a possibilidade do trabalho daqueles homens ter continuidade, se possível dentro da mesma família, havia de ter, para a monarquia, alguma relevância:

Um dos exceptuados à citada lei dos arruamentos dos artífices foi justamente um arneiro de nome **João Pires**. A seu propósito soubemos, pela leitura

⁷ Cf. AN/TT, Chancelaria de D. João I, Livro 2, fl. 26v^o (de 15/Abril/1397).

de um documento da Chancelaria de D. Afonso V (que, de resto, Sousa Viterbo transcreve integralmente: 1907, pp. 135-136) que, em 1438, D. Duarte ordenou à câmara de Lisboa que não deixasse de pagar a tença que João Pires costumava receber. O motivo não podia ser mais claro: sendo já idoso, este armeiro não mantinha permanentemente aberta a sua tenda; mas, em contrapartida, tinha servido dignamente D. João durante as guerras contra Castela, lavrando as armas que convinham à defesa do reino; e, sobretudo, ensinara ao seu filho, **Afonso Pires**, o mesmo ofício, fazendo dele um dos bons armeiros de D. Duarte. Assim, o *Eloquente* considerava não ser correcto suprimir a tença do velho armeiro, tanto mais que este, de quando em quando, ainda dava uma boa ajuda ao filho no seu mester⁸...

Com tudo isto, facilmente se adivinha que, ao menos no período a que nos estamos a reportar, a situação económica dos armeiros, ou da maioria deles, havia de ser bastante desafogada, e a respectiva condição social nada desprezível. Os privilégios que vimos serem-lhes outorgados, os 'bons cabedais' que evidenciam em outros tantos documentos (onde se trata de emprazamentos ou aforamentos de casas, de terras e de outros bens), a ligação de alguns deles à «rua nova», a posse de criados próprios por uns quantos, ou, pura e simplesmente, a ligação directa de alguns desses armeiros à pessoa do rei, a gente da Casa Real ou a outras altas figuras da corte, não deixa nenhuma dúvida a propósito desse 'desafogo'. Recorde-se, a talho de foice, o caso estudado por Oliveira Marques e envolvendo um armeiro do rei chamado João Eanes, o qual vendeu, em 1431, algumas casas situadas em Lisboa (na freguesia de S. Tomé) ao infante D. Henrique. Tais casas eram compostas por, pelo menos, três edifícios (além de um claustro e de um quintal), os quais o dito infante doaria, no mesmo ano, à Universidade, tendo vindo mesmo a constituir as primeiras instalações próprias desta instituição (cf. MARQUES 1987, pp. 411-412)!

Quanto ao estatuto social destes armeiros, frise-se, por um lado, que o seu 'ponto alfa' já não era de deitar fora. No «Leal Conselheiro», ao descrever a estratificação da sociedade coeva em cinco «estados», D. Duarte teve a preocupação de enumerar os 'oradores', os 'defensores', os 'lavradores e pescadores', os 'oficiaes' e, finalmente, as 'artes aprovadas e mesteres' onde incluía precisamente os armeiros, a par dos físicos, dos cirurgiões, dos ourives, dos mareantes e de outras

⁸ Cf. AN/TT, Chancelaria de D. Afonso V, Livro 20, fl. 98v.º (o Regente confirma, neste documento, a carta de 20/Maio/1438, de D. Duarte).

profissões de certa dignidade e relevância social (cf. D. DUARTE, *Leal Conselheiro*, cap. IV.º, pp. 25-26). Por outro lado, parece-nos muito arguta a observação de Claude Gaier, segundo a qual a posição social de razoável destaque dos armeiros medievais também resultava da aura de mistério que envolvia o seu trabalho, alimentada pela «formação empírica e deliberadamente esotérica» desses mestres-artesãos. Ou seja, o «aspecto prometeico» do armeiro medieval impunha um certo «respeito social» e permitia-lhe beneficiar de alguma liberdade de acção, ainda que, como vimos, ele estivesse inserido dentro do sistema bastante severo das corporações (cf. GAIER 1973, p. 317).

Por fim, evoquem-se outras peculiaridades do universo laboral dos armeiros medievais, designadamente a sua grande mobilidade e também a sua polivalência. De facto, estamos convencidos de que muitos deles mudaram várias vezes de terra, trabalhando sempre por conta própria, em pequenos ateliers e sem qualquer noção de tipo moderno acerca da 'especialização do trabalho'. Conforme Claude Gaier também já teve ocasião de sublinhar, a capacidade de produção destes artesãos era bastante fraca, o que tornava necessária uma repartição das encomendas entre as várias oficinas, por vezes sob a direcção de mestres-de-obras ou de fornecedores intermediários, cujo rasto perpassa ainda pela documentação europeia (cf. GAIER 1973, p. 317). Depois, no interior de cada tenda de armeiro, seria decerto bem visível a insignificância da infra-estrutura industrial da época: utensilagem rudimentar, instalações sumárias ou mesmo temporárias. No fundo, como diz Gaier, o artesão é que dava vida a uma tenda; após a sua partida, nada mais fazia sentido⁹.

3.

A par da protecção dispensada aos armeiros, a preocupação dos monarcas tardo-medievais portugueses com o controlo da organização militar e, consequen-

⁹ Cf. *idem*, *ibid.* Note-se que, como aventa o mesmo Autor, muitas vezes a mobilidade de que se falou poderia ter que ver com a necessidade de executar o trabalho no próprio local onde o produto deveria ser aplicado, dado o problema do transporte de materiais muito pesados (só a fundição do ferro, carente de uma instalação fixa, é que terá forçado a modificação deste contexto). Em todo o caso, o armeiro medieval não era só o trabalhador dos metais: a transformação de outras matérias-primas (como, por exemplo, a madeira) ocuparia igualmente um número enorme de braços.

temente, com o armamento, encontra um espelho fiel no investimento feito na criação, cremos que na segunda metade do século XIV, de um grande armazém de armas (o «almazem real») sediado em Lisboa.

As motivações que mais directamente terão estado na origem desta decisão prendem-se, pensamos, não apenas com o desejo de coordenar, de forma mais segura e eficaz, toda a orgânica militar do reino (sobretudo no plano defensivo), como também com a própria evolução do armamento de guerra, tornado bastante mais complexo nos finais da Idade Média, graças, sobretudo, ao aparecimento e progressiva difusão das armas de fogo.

De facto, até aos séculos XIV-XV, apenas o escudo parece ter sido, na maioria dos reinos do ocidente europeu, objecto de um armazenamento colectivo. Coube, portanto, às chamadas «novas monarquias» de Quatrocentos alterar essa situação, garantindo um equipamento adequado ao 'núcleo duro' das suas tropas e demonstrando grande vontade de impor uma organização militar estável e centralizada. Como é sabido, a vitória final dos franceses na Guerra dos Cem Anos (1337-1453) terá ficado a dever-se, em boa parte, ao sucesso da política armamentista desenvolvida por Carlos VII, a partir de 1422.

No que a Portugal diz respeito, a importância de possuir um bom arsenal de armas, directamente controlado pela Coroa, parece estar bem presente no espírito dos conselheiros que, nos inícios do século XV, exortaram D. João I a ordenar a existência de 1.500 arneses permanentemente disponíveis para a guerra, 500 dos quais seriam fornecidos pelo próprio rei, e os outros por grandes senhores, laicos ou eclesiásticos, como veremos mais adiante (cf. F. LOPES, CDJ, II, cap. CCII, p. 454).

Conforme tivemos a oportunidade de explicar noutro trabalho, «um documento fernandino contribui para a localização do arsenal lisboeta — no qual se guardavam armas e também remos e outro material destinado às embarcações (...) — ao informar que 'parte com a rua que vai ao longo do muro para a porta do ferro (...)'. Isto permite deduzir que estaria inscrito na estrutura amuralhada da cidade, ideia que encontra confirmação em outros documentos, já do reinado de D. João I, onde é feita referência à 'torre' do armazém de Lisboa» (cf. MONTEIRO 1998, p. 145). Assim, e conforme interpretação (que agradecemos) do nosso colega João José Alves Dias, o «almazem real» de Lisboa ficaria situado na parte interior da velha cerca muçulmana de Lisboa, ligeiramente abaixo da Sé, quer dizer, próximo das traseiras da Casa dos Bicos. De resto, parece até que a rua onde se localizava esse arsenal (actualmente designada, em parte do respectivo traçado, por «Rua das Canastras») se terá chamado, durante muitos anos, justamente «Rua do Armazém».

Diversos documentos coevos contribuem para o esclarecimento do modo como funcionava esse arsenal de armas, ao menos no que diz respeito aos armeiros que nele, ou *para ele*, trabalhavam. Assim, existiria, antes de mais, um corpo de armeiros que laborariam permanentemente naquele espaço. Era esse, por exemplo, o caso dos companheiros de Diogo Lopes, o torneiro privilegiado, em 1449, pelo Regente D. Pedro, «por quanto lavra com os nossos beesteiros em o nosso almazem da dita cidade»¹⁰. Depois, haveria um grupo, porventura mais alargado, de armeiros ('fabricantes' ou 'limpadores'), os quais seriam chamados de vez em quando ao armazém real de Lisboa para executar determinados trabalhos, sempre que estes se revelassem necessários. Parece ser isso mesmo que acontecia com Vasco Fernandes, o lisboeta que, em 1434, D. Duarte isentou de servir na guerra e de cumprir com vários outros encargos, uma vez que «empena e ferra birotees no almazem da dicta cidade quando compre a nosso serviço»¹¹. Outro tanto se passaria com Fernão d'Álvares, também ele morador em Lisboa e a quem o Regente concedeu, em 1443, uma série de isenções, «porquanto alimpa as armas e faz outras cousas no nosso almazem desta cidade, quando lhe é requerido por noso serviço»¹².

Por fim, a actividade e a renovação do arsenal de Lisboa seriam asseguradas ainda mediante 'encomendas' feitas pelo respectivo almoxarife a armeiros estabelecidos por conta própria, encomendas essas que, em alguns casos, poderiam, pela sua regularidade, assumir um carácter próximo daquilo a que chamamos modernamente uma 'avença'. Por exemplo, em 1407, D. João I emitiu uma carta muito sugestiva, na qual dá João Anes (que então jazia «em arrtigoo de morte pera o Deus levar deste mundo»), bem como os seus descendentes, por quites e livres de todos os compromissos que aquele armeiro assumira para com o monarca, «per razom dos bacinetes e peças e armas que fez pera o nosso almazem»¹³. Igualmente expressiva é a carta em que D. Duarte, subido ao trono há escassos meses, fez mercê a Lucas Anes, criado do rei, do cargo de ver e requerer e mandar fazer e trazer ao armazém do rei em Lisboa as «astas» que se faziam no

¹⁰ Cf. AN/TT, Chancelaria de D. Afonso V, Livro 34, fl. 88v.º (de 18/Julho/1449); parcialmente publicado por VITERBO 1907b, p. 119.

¹¹ Cf. AN/TT, Chancelaria de D. Duarte, Livro 3, fl. 57 (de 30/Jan.º/1434).

¹² Cf. AN/TT, Chancelaria de D. Afonso V, Livro 25, fl. 34 (de 1/Julho/1443); parcialmente publicado por VITERBO 1907, p. 27.

¹³ Cf. AN/TT, Chancelaria de D. João I, Livro 5, fl. 80 (de 4/Set.º/1407).

Louriçal (tal como fizera já durante o reinado de D. João I)¹⁴. Curiosamente, cerca de meio século mais tarde, seria D. João II a fazer um contrato com um armeiro de limpar armas brancas e de malha, residente em Lisboa e chamado Fernando Afonso: em 1478, ainda príncipe herdeiro, D. João concedera a este armeiro uma tença de 4.000 reais brancos por ano; agora, em Julho de 1484, fazia com ele um contrato mediante o qual lhe dava umas casas em Lisboa e a tença anual de 6.000 reais, com a condição de Fernando Afonso ter sempre prontas e corregidas «cem guarnyçooes d armas compridas e dy pera baixo asy como quisermos», designadamente capacetes, babeiras, fraldões, gocetes, espaldeiras (?) e outras peças que o rei lhe entregou; assim, o armeiro deveria ter sempre aquele material todo limpo e deveria entregá-lo ao armeiro do rei (Agostinho Caldeira) quando tal lhe fosse requerido; paralelamente, quando se servissem das armas e as devolvessem sujas e desguarnecidas ao armeiro, este receberia 60 reais brancos por cada guarnição, sendo-lhe também pagos os tecidos, correias, fivelas, biqueiras, cravação e charneiras e tudo o mais de que necessitasse para corregimento das ditas peças — sendo este material fornecido a Fernando Afonso pelo próprio almoxarife do «nosso almazem de Lixboa» (cf. VITERBO 1907, pp. 15-16).

Como o caso que citámos em último lugar já deixa claramente entender, a política de organização de um bom 'stock' de armas centralizado, iniciada talvez por D. Fernando, seria prosseguida pelos monarcas de todo o século XV. De resto, Álvaro Lopes de Chaves deu conta de uma reunião do conselho régio de D. João II, ocorrida, provavelmente, por volta dos anos de 1475-76 (ou seja, no contexto da expedição militar a Toro), no decurso da qual foi decidido ter permanentemente no armazém do rei as seguintes peças: 500 arneses brancos compridos (i. é, completos); 500 «cubertas»; 500 couraças de Génova; 100 bombardas (que se mandariam vir da Flandres); 250 «tiros» (decerto para essas mesmas bombardas); 100 quintais de pólvora; 200 bestas de garrucha feitas em aço; 700 virotões; e, finalmente, 200 lanças de armas (cf. A. L. CHAVES, pp. 54-56). Ao mesmo tempo, aquele conselho régio decidiu ainda que haveria de haver dois mestres armeiros permanentes no armazém real, os quais receberiam uma tença do rei para proverem e terem sempre limpos os ditos 500 arneses brancos; complementarmente, mandar-se-iam vir de Itália um ou dois mestres «de guarnecer e fazer cubertas», igualmente com direito a uma tença, para que estivessem no arma-

¹⁴ Cf. AN/TT, Chancelaria de D. Afonso V, Livro 19, fl. 62v.º (de 16/Dez.º/1433; inserta na carta de confirmação de 16/Junho/1439).

zém do rei e aí reparassem as 500 «cubertas» previstas, e fizessem outras se fosse caso disso, para além de que deveriam ensinar o seu ofício a alguns aprendizes (cf. A. L. CHAVES, p. 55).

Chegados aos finais da Idade Média temos, portanto, claramente desenhado o quadro de um armazém real bem abastecido e disponível para quando mais fosse necessário fazer a guerra e equipar os respectivos protagonistas. Aliás, da importância já assumida, a nível 'nacional', pelo arsenal lisboeta durante as guerras fernandinas contra Castela deu claramente conta Fernão Lopes, nos seus minuciosos relatos. Por exemplo, ao narrar a primeira dessas guerras (1369-71), conta o cronista que «do almazem de Lixboa levarom pera cada hũu logar as armas e cousas que mester avia pera sua defenssom»¹⁵; e, ao relatar a segunda (1372-73), explica que, à chegada dos castelhanos de Enrique II às portas de Lisboa, a cidade se agitou extraordinariamente, precipitando-se nos preparativos para a sua defesa: «e com este alvoroço e cuidado começaram clerigos e frades de sse hir ao almazem d'el-rrei e armaren-se todos das armas que hi achavom»¹⁶! Três quartos de século mais tarde, um outro conflito, desta vez opondo o infante D. Pedro ao seu régio sobrinho, Afonso V, haveria de sugerir também a força (e se calhar, as fraquezas) do arsenal de armas que a Coroa sediara em Lisboa. Conta Rui de Pina que o ex-Regente conservava em Coimbra, sob o seu controlo, uma quantidade de armas (decerto provenientes do armazém real de Lisboa) que seu filho, o Condestável D. Pedro, usara durante a expedição de 1445 a Olmedo. Intimado pelo rei a devolvê-las, D. Pedro respondeu, trocista, que o sobrinho não precisava delas e que ele «pera seu servyço as teria sempre mais limpas, e mais certas que no seu almazem»; nestes termos, alegava o infante, o monarca deveria dar-lhe tempo para «trazer de fóra outras tantas e melhores», ou então que «mandasse receber o preço dellas em dinheiro, pera o Almoxaryfe de seu almazem mandar comprar, e trazer outras aa sua vontade»¹⁷...

É claro que a importância do armazém real de Lisboa tinha também que ver com a presença, no seu seio, de um equipamento já relativamente dispendioso, complexo e actualizado. A esse respeito, a carta de quitação de 1455 que mais à frente comentamos e transcrevemos não deixa margem para dúvidas. Basta salien-

¹⁵ Cf. Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, cap. XXXVI, p. 120.

¹⁶ Idem, *ibid*, cap. LXXIII, p. 258.

¹⁷ Cf. Rui de Pina, *Crónica de D. Afonso V*, cap. XCIV, pp. 708-709. Como é óbvio, esta resposta do tio irritou profundamente o jovem monarca, tendo ajudado a precipitar o combate de Alfarrobeira.

tar a presença, em quantidade assinalável, de armas de fogo e de pólvora no seu interior. Pode, evidentemente, é colocar-se a questão de saber se terá havido outros grandes arsenais de material de guerra na mesma altura, sediados noutras cidades do reino, que não Lisboa. A este respeito, a hipótese mais sugestiva é, sem dúvida, o Porto. Vários documentos das chancelarias régias aludem a um «almazem» nesta cidade. Todavia, nunca o conseguimos relacionar expressamente com o acondicionamento de armas, pelo que continuamos a pensar que se poderá tratar da alfândega, ou seja, da famosa «Casa do Infante».

Uma outra questão que se poderá colocar é a que diz respeito à articulação entre o arsenal instalado em Lisboa e o resto da estrutura militar do reino. Em relação aos homens que andavam no mar, por exemplo, estamos certos de que os alcaides das galés de Lisboa e de Setúbal estavam habituados a entregar ao almoxarife do armazém de Lisboa as armas que sobravam das suas deslocações (designadamente escudos, lanças, dardos e outras), parecendo provável que, a partir da regência do infante D. Pedro (1439/40-1448), eles tenham começado a ser objecto de um controlo mais apertado¹⁸. Mas o que é que se passaria no que diz respeito à articulação do armazém real de Lisboa com outros depósitos de armas espalhados por vários castelos e praças do reino?

A questão é interessante e obriga-nos a recordar a existência de uma relação antiga entre 'armas' e 'fortalezas', ao longo do período medieval. Uma relação, porém, e se não erramos, não muito feliz, no que à conservação dessas armas diz respeito. Recordem-se as palavras duras do infante D. Pedro quando, em 1426, escreveu de Bruges a seu irmão Duarte uma carta que ficou para a história. Reconhecia então o futuro Regente que, nos anos anteriores, se tinham feito no reino muitos «almazens» reais; contudo, não duvidava de que «em algúas fortalezas onde foram repartidos per mingoa de tres ou quatro taboas de que fizeram hũ almario em que estyueram guardados ou por outra tam pequena despesa muytos deles serão agora perdidos» (cf. D. DUARTE, Livro dos Conselhos, p. 34). Ou seja, D. Pedro aplaudia o esforço feito pelo irmão para aumentar o número dos depósitos de armas existentes nos castelos do reino, mas lamentava a inércia eviden-

¹⁸ Cf. AN/TT, Chancelaria de D. Duarte, Livro 2, fls. 30-30v.º (de 25/Jan.º/1442). Note-se que também o regimento do almirante do reino, outorgado em Agosto de 1471 por D. Afonso V, previa que, no seu retorno, a frota prestasse ao almoxarife do armazém real de Lisboa conta das armas que despendera, bem como daquelas que haviam sobrado: cf. AN/TT, Gaveta III, Maço 7, Doc. 13 (de 13/Agosto/1471).

ciada (pelos corregedores das comarcas, a quem responsabilizava directamente) no seu bom equipamento, essencial para garantir uma adequada conservação das armas.

Tal seria, decerto, um vício herdado de épocas mais remotas, excepção feita, talvez, às fortalezas sujeitas à tutela das Ordens Militares, até porque estas dispunham de mecanismos internos de inspecção (as «Visitações») regulares e, ao que deles se sabe, razoavelmente rigorosos. Nos inícios do século XX, Pedro de Azevedo publicou um inventário dos bens móveis e imóveis da Ordem de Avis, feito em 1362 (ano da morte do Mestre D. Martim do Avelar), o qual nos dá bem conta da riqueza do espólio bélico então depositado no castelo de Veiros, na torre de menagem do castelo de Noudar, numa das torres do castelo do Alandroal e no interior do castelo de Juromenha (cf. AZEVEDO 1902, *passim*). Como tivemos oportunidade de escrever noutra lugar, neste inventário existem muitas referências a armas de armazém à guarda de almoxarifes e/ou dos alcaides dessas fortalezas, em quantidade e qualidade suficientes para que fiquemos convencidos da sua razoável organização e bom estado de conservação (cf. MONTEIRO 1998, pp. 148-149).

Fora deste mundo um pouco *sui generis* das Ordens Militares, a situação seria bem diferente e, pelos vistos, não teria ainda mudado muito em 1426. Conheçemos, aliás, um expressivo documento de 1435, relativo a Estremoz, que confirma em toda a linha essa suspeita e, o que é mais, sendo de uma época já tão tardia, levanta um pouco o véu acerca da mais do que provável articulação entre o armazém real de Lisboa e os arsenais disseminados pelas fortalezas do reino. Trata-se de uma carta de quitação passada por D. Duarte à viúva de um colmeeiro de Estremoz, de nome Estêvão Anes, que fora tesoureiro do armazém do «castello d'omenagem» daquela vila durante alguns anos, «teendo o dicto almazem na casa dell que he dentro no dicto castello». Pela leitura desta carta, ficamos a saber que, à morte do colmeeiro-tesoureiro, houve necessidade de verificar algumas contas relativas ao arsenal de guerra de Estremoz, o qual incluía peças muito variadas. Estranhamente, porém, ou talvez não, ao chegarem ao local, os emissários de D. Duarte encontraram a porta do dito armazém sem fechadura e meia quebrada e apodrecida. Depois, lá dentro, acharam «hua soma de scudos podres em pedaços e certas caxas de juramentos [?] e enxufre e lanças e baçinetes e solhas e paaos e coronhas de beestas (...) e capellos e polvora todo em pedaços e podre que se nom podia contar salvo duas bombardas de metall que pessarom IIIIº quintaaes que ficarom no dicto castello»¹⁹. No final da carta, a viúva acaba por ser dada

¹⁹ Cf. AN/TT, Chancelaria de D. Duarte, Livro 3, fl. 42v.º (de 28/Março/1435).

por quite e livre de qualquer encargo relativamente ao rei. Mas não deixa de se ficar também a saber que, por mandado de D. João I, havia sido entregue por Estêvão Anes a dois recebedores do «almazem de Lixboa», e a outros oficiais, para certos castelos da comarca de «Riba de Odiana», a maior parte do material que o armazém de Estremoz na altura continha... Ou seja, parece poder deduzir-se que o almoxarife do armazém central de Lisboa, não só controlava os gastos e as contas de arsenais localizados em fortalezas tão distantes quanto Estremoz, como podia concretizar (por ordem do rei) a transferência e distribuição desses materiais de guerra entre fortalezas da mesma comarca, decerto em função das urgências da guerra e da posição mais ou menos estratégica de cada praça.

Outros exemplos de articulação entre o armazém real de Lisboa e os arsenais existentes em alguns castelos ou cidades do reino²⁰ parecem confirmar esta leitura, bastante lógica, sobretudo após a difusão de armas de fogo tão pesadas como aquela bombarda de 400 Kgs. que não houve alternativa senão deixar em Estremoz. Apontaremos apenas dois exemplos, de configuração algo diversa, mas que nos parecem bastante sugestivos:

Nas cortes de Lisboa de 1439, os procuradores de **Óbidos** queixaram-se a D. Pedro de que, existindo na vila um castelo que era «dos milhores e semelhantes afortalezados que ha em a Estremadura», este se encontrava lamentavelmente desguarnecido e delapidado, tanto de casas como de armas, de bestas, de «almazem» e de outras coisas de que era tradicionalmente abastecido [decerto pelo armazém central de Lisboa]²¹.

Numa outra reunião de cortes, efectuada em Évora no ano de 1444, foi a vez dos procuradores de **Valença** lembrarem ao Regente que D. João I, seu pai, havia mandado entregar na vila, para defesa desta, uma grande quantidade de armas de armazém (arneses, bestas, escudos, paveses, virotões, etc.). Porém, acrescentavam, estas tinham já sido todas gastas, ou encontravam-se perdidas, pelo que à vila nada restava com que se pudesse defender em caso de necessi-

²⁰ Arsenais esses que temos a noção de se encontrarem, ao menos nominalmente, muitas vezes submetidos à direcção de figuras de relativo relevo, ou até bastante próximas da Corte Régia: veja-se o caso do armazém de Évora, que, nos inícios do século XV, estava entregue a Martin Afonso Valente, em nome de D. Fernando e do conde D. João Afonso (de quem o Valente foi alcaide em Lisboa, por alturas do início da revolução de 1383-85): cf. AN/TT, Chancelaria de D. João I, Livro 5, fl. 39 (de 23/Out./1404).

²¹ Cf. AN/TT, Chancelaria de D. Afonso V, Livro 2, fls. 18-18v.º (Cortes de Lisboa de 1439, Capítulos Especiais de Óbidos, n.º 1).

dade. Pediam, portanto, a D. Pedro que lhes enviasse novas armas, como de resto já lhes tinha sido prometido, além de alguma pólvora, imprescindível à rentabilização dos trons e das colubretas que havia já em Valença²².

Nestes termos, não pode espantar-nos a indicação que nos é dada por Álvaro Lopes de Chaves, a propósito da reunião do conselho de D. João II realizada por alturas da campanha de Toro (1475 ou 1476). Diz o célebre secretário do monarca que, para além das armas que então se determinou deverem integrar permanentemente o armazém real de Lisboa (e a que acima já fizemos referência), se decidiu também providenciar a compra, *para os castelos do reino*, do seguinte equipamento: 100 bombardas (a mandar vir da Flandres), 250 tiros, 60 quintais de pólvora e 300 virotões²³.

Entretanto, para além do armazém central de Lisboa e dos arsenais existentes em alguns (provavelmente em muitos) castelos do reino (estivessem estes ligados às Ordens Militares ou não), ou em praças-fortes mais ou menos importantes, outras soluções de depósito de armas haveria. Pensamos, sobretudo, nas armarias particulares de grandes senhores (laicos ou eclesiásticos, já o dissemos), sobre a existência das quais temos também um número relativamente confortável de notícias.

No que diz respeito às armarias de grandes senhores laicos, e para além do caso óbvio dos monarcas (que mantinham, como já vimos, os seus próprios armeiros), temos sobretudo informação a respeito de personagens ligadas à Casa Real. O exemplo mais expressivo é, sem dúvida, o dos «infantes de Avis». D. Henrique, por exemplo, tinha no Porto, em meados de Quatrocentos, dois armeiros irmãos (João Afonso e Afonso de Lisboa) que trabalhavam para si (cf. VITERBO 1907, pp. 18-19 e 106). Quanto a D. Fernando, o desditoso infante falecido em Fez, é certo que possuía uma boa armaria particular, pois no seu testamento, redigido justamente em 1437 (o ano da malograda expedição portuguesa a Tânger), pode ver-se o infante determinar «que todallas armas que mandey emprestar da minha armaria aos meus e a outros quaeesquer que comigo vaam assy em armas come

²² Cf. AN/TT, Chancelaria de D. Afonso V, Livro 24, fls. 56-56v.º (Cortes de Évora de 1444, Capítulos Especiais de Valença, n.º 1).

²³ Subsidiariamente, adquirir-se-iam também, neste caso *para os moradores do reino*, «em conto de qualquer merce ordenada que lhes ouuer de fazer pera continuadamente as sempre terem e o seruirem com ellas», 500 gibanetes e 500 capacetes com baveira, ou seja, «quinhentos corpos com suas armaduras de cabeça» (cf. A. L. CHAVES, p. 56).

em dinheiro pera as comprarem que lhe fiquem aaquelles a que assy foram emprestadas»²⁴. Mais tarde, em 1452, sabemos também que trabalhava para um irmão de D. Afonso V (o controverso infante D. Fernando) um armeiro castelhano chamado Antão Garcia, residente em Lisboa (VITERBO 1907, p. 84). Antes de tudo isso, porém, não se pode esquecer que, logo nos inícios do século XV, o conselho régio joanino deliberou que boa parte dos 1.500 arneses que teriam de passar a estar permanentemente disponíveis no reino haveriam de ser fornecidos pelo Condestável (50), pelo bastardo régio D. Afonso (50) e pelo marechal Gonçalo Vasques Coutinho (30)²⁵. Mais tarde, outro rei João, o *Príncipe Perfeito*, na sua 'reforma do armamento' de 1475-76, decidiria, pelo seu lado, a aquisição, *para os grandes senhores e em desconto das respectivas tenças*, de 500 arneses e de 500 «cubertas» (cf. A. L. CHAVES, p. 54).

No que toca ao mundo clerical, convém, antes de mais, lembrar que a citada deliberação do conselho régio de D. João I previa a entrega de um grande número de arneses por parte de gente ligada a esse meio: pelos Mestres de Cristo e de Santiago, pelos bispos de Coimbra e de Évora e pelos arcebispos de Lisboa e de Braga (50 cada um); pelo Mestre de Avis (40); pelo bispo do Porto e pelo Prior de Santa Cruz de Coimbra (30 cada); e pelo Prior do Crato, pelos bispos de Silves, Viseu, Guarda e Lamego e pelo abade de Alcobaça — 20 arneses cada qual (cf. F. LOPES, CDJ, II, cap. CCII, p. 454). Como que confirmando a razoabilidade deste projecto, encontrámos na documentação que compulsámos algumas cartas que aludem a armarias de alguns daqueles prelados. É o que acontece com uma carta de 1450, na qual o monarca agracia um tal Luis Martins, que refere como sendo o encarregado da armaria do arcebispo de Braga (por sinal, primo de D. Afonso V)²⁶. Certamente com base em documentos deste género, Sousa Viterbo pôde, pois, escrever que, «em algumas casas religiosas, como no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, havia pequenos arsenaes onde se iam buscar os necessarios petrechos nas ocasiões de perigo» (cf. VITERBO 1907, p. 2).

Por fim, reforçando este conjunto variado de soluções para o fabrico e acesso a armas, que desenhámos para o Portugal dos finais da Idade Média, pode ainda

²⁴ Cf. AN/TT, Gaveta XVI, Maço 2, Doc. 13 (de 18/Agosto/1437).

²⁵ Cf. Fernão Lopes, CDJ, II, cap. CCII, p. 454. Como Oliveira Marques já observou, a soma das parcelas que, a propósito desta reforma, o cronista indica dá 1.1150 (e não 1.500): «pode tratar-se de erro de soma ou de cópia. Mas pode também tratar-se da omissão do número de arneses na posse dos grandes senhores laicos, que seria assim de 350» (cf. MARQUES 1987, p. 35, nota 4).

²⁶ Cf. AN/TT, Chancelaria de D. Afonso V, Livro 4, fl. 6 (de 23/Jan.º/1450).

referir-se a possibilidade, dinamizada por monarcas empreendedores e com grande visão como D. João II, de abertura de casas de armas de origem estrangeira nas principais cidades do nosso reino. Também nesta matéria Álvaro Lopes de Chaves se revela como uma testemunha preciosa, ao dar conta da decisão do rei (igualmente tomada em 1475-76) de convidar e isentar de impostos e encargos diversos os armeiros estrangeiros que quisessem viver e trabalhar em Portugal, «e em especial a Misalha se poderem que faça mandar a Lixboa hũa casa d armas ao qual Misalha se dem todas as sobreditas liberdades e mais se mais se lhe podem fazer e ainda se lhe dar merce o utença dalgum pam ou dinheiro» (cf. A. L. CHAVES, p. 57).

Esta estratégia, que reforça o que acima dissemos acerca da protecção dispensada pelos monarcas medievais portugueses aos fabricantes de armas (nacionais ou estrangeiros), coloca uma derradeira questão, à qual não podemos responder cabalmente neste trabalho. Trata-se de saber qual era efectivamente, nos séculos XIV e XV, o panorama português em matéria de importação de armas. Segundo Sousa Viterbo, da Biscaia viriam muitas e boas armaduras enquanto da Alemanha e, sobretudo, da Boémia chegariam igualmente muitas armas de fogo a Portugal (cf. VITERBO 1907b, p. 2). Pelo seu lado, a carta de quitação de 1455 que adiante transcrevemos dá claramente conta da estreita ligação entre Portugal e a Flandres, em matéria de comércio de armamento (o que se nos afigura bastante natural, dada a enorme importância da produção de armas dos Países Baixos nesta época, por um lado, e a existência de uma feitoria portuguesa naquelas paragens, por outro). Para além disso, a citada presença de armeiros castelhanos e sevilhanos entre nós também parece indiciar uma frutuosa relação ibérica neste domínio, dada até a proximidade física e a vulgarização do contrabando nas regiões de fronteira. E, ao que vimos, as armas italianas e os seus fabricantes também não eram desconhecidos em Portugal; pelo contrário, parece que eram até muito apreciados, como de resto acontecia por essa Europa fora. E que dizer das estreitas relações militares e diplomáticas mantidas entre Portugal e a Inglaterra durante os séculos XIV e XV, muito em especial a partir do reinado de D. Fernando? Não pode esquecer-se a presença de uma rainha inglesa no trono de Portugal a partir de Fevereiro de 1387, nem o decisivo apoio britânico à causa do Mestre de Avis, nos anos quentes de 1384 e 1385. Dessa relação, que trouxe até nós tantos mercenários ingleses, resultou seguramente algum, porventura muito, comércio de armas, que documentação muito diversa claramente testemunha. Valeria, pois, a pena explorar também esta vertente do 'mundo das armas' no Portugal tardo-medieval, de preferência relacionando-a de forma harmoniosa com o problema da embalagem e do transporte e com a questão dos preços dos produtos transaccionados. Na impossibilidade manifesta de o fazermos aqui, deixamos

a sugestão, na esperança de nós próprios, ou alguém mais habilitado do que nós, se poder vir a ocupar destes assuntos em trabalhos posteriores.

4.

Olhemos agora com um pouco mais de atenção para o conteúdo do armazém real de Lisboa entre os anos de 1438 e 1448, tal qual ele nos é dado a conhecer pela carta de quitação (adiante transcrita) outorgada em 1455, por D. Afonso V, ao respectivo almoxarife, Gonçalo Afonso.

Pode dizer-se que este precioso documento constitui, pelo detalhe da informação que nos oferece (identificação das peças, indicação das quantidades recebidas e despendidas, etc.), um verdadeiro miradouro sobre o armamento militar armazenado no grande arsenal português de meados de Quatrocentos. Ao nível do armamento defensivo, por exemplo, e de entre as protecções de cabeça e de rosto, distingue-se facilmente a grande importância que então tinha o bacinete. São quase milhar e meio as peças deste tipo que circulam no arsenal de Lisboa durante aquele período (que corresponde, quase exactamente, ao tempo da regência do infante D. Pedro). A par do bacinete, e como defesa complementar das zonas do queixo, do pescoço e da garganta, regista-se uma presença significativa do gorjal e do camal e, mais discretamente, da babeira.

No que toca às protecções do tronco e dos membros (superiores e inferiores), o nosso documento testemunha uma presença ainda significativa das velhas defesas de malha metálica (cotas de malha), bem como de 'defesas mistas', do género das solhas, onde o 'couro fervido', especialmente resistente, se misturava já com algumas lâminas de ferro. Todavia, aqui, o grande destaque vai nitidamente para a afirmação fulgurante dos arneses, ou seja, dos conjuntos defensivos fabricados em placas ou chapas metálicas bem polidas, propícias à deflexão ou deslize das armas adversárias. No documento que transcrevemos, os arneses figuram até em quantidade superior aos bacinetes, e são referenciados, quer como conjuntos («arneses dianteiros», «arneses de pernas»), quer nas suas várias componentes (rebraços, braçais, manoplas, coxotes, sapatos de ferro, etc.). A sua articulação interna também resulta evidente, pois a carta refere uma grande quantidade de «machos femeas» para arneses, ou de fivelas grandes e pequenas e de charneiras para arneses, como tendo sido movimentadas por Gonçalo Afonso enquanto este foi almoxarife do grande armazém lisboeta.

Quanto ao demais equipamento defensivo, saliente-se a profusão de escudos (que, pelos vistos, continuavam a ser armazenados aos milhares), sendo também

de destacar os seus diversos tipos, embora com um significativo predomínio dos escudos de «homens de pé».

Em matéria de armamento ofensivo, o teor desta carta de quitação também é bastante interessante. Repare-se que há muito poucas referências a armas brancas, e as que há dizem quase todas respeito a dagas (e não a espadas, por exemplo). Pelo contrário, as «armas de choque» (designadamente as fochas e as maças) estão muito bem representadas, quase ao nível dos bacinetes e dos arneses, denunciando, pois, uma popularidade quiçá insuspeita (reflexo, porventura, do facto de estarmos perante um inventário de material bélico armazenado num depósito central). Quanto às armas de haste, surgem em quantidade ainda maior. Na sua esmagadora maioria estão identificadas com as lanças (criteriosamente divididas em «lanças de homens de pé» e «lanças de armas», decerto as mais compridas, empunhadas pelos cavaleiros), a que se acrescentam algumas bisarmas e perto de centena e meia de fouchinhas e fouchinhos, 'armas' de origem agrícola manifesta. Possivelmente, a grande quantidade de lanças que passaram pelo armazém real de Lisboa entre 1438 e 1448 — um período de grande agitação político-militar, frise-se²⁷ — poderá também ter que ver com a fragilidade deste tipo de armas: as lanças acabavam muitas vezes por partir-se após a primeira carga, quer se tratasse de torneios, de justas ou de verdadeiras batalhas campais.

Temos, depois, as armas neurobalísticas. Aqui, parece-nos verdadeiramente surpreendente a presença robusta de arcos (uma arma também bastante frágil e não supostamente utilizada de forma generalizada em Portugal, ao menos por portugueses, durante os finais das Idade Média: veja-se a discrição com que Fernão Lopes, por exemplo, se lhes refere) e, sobretudo, a impressionante quantidade de bestas (com uma variadíssima gama de 'acessórios') e de virotões, numa época já tão tardia quanto os meados do século XV. Em toda a carta de quitação, não há nenhuma outra peça de armamento tão bem representada quanto a besta (e os respectivos projecteis); seja como peça completa (ou quase), seja através dos seus vários componentes: arcos, coronhas, cordas, nozes, chaves, cintos e correias, artifícios para as armar (polés, garruchas, armatostes), etc. São milhares as peças ligadas às bestas que Gonçalo Afonso movimentou durante aqueles 10 anos, e são centenas de milhar os virotões (ao que parece, de mais do que um

²⁷ Recordem-se as várias campanhas internas, resultantes da disputa pela Regência do reino entre a rainha-viúva D. Leonor e o seu cunhado D. Pedro; ou, no plano externo, as três expedições a Castela, em auxílio do rei D. Juan II.

tipo) que por ali circularam também! Percebemos, pois, que as novas armas de fogo estavam ainda muito longe de destronar, ou de tornar supérfluo, o velho e eficaz armamento neurobalístico, que tão boa conta dera de si, durante séculos, em confrontos em campo aberto, em acções de tipo 'guerrilheiro', ou no assédio de castelos e de praças-fortes. Compreende-se, assim, um pouco melhor a importância adquirida, desde D. Dinis, pelas várias milícias de atiradores portugueses especializados no tiro com besta: os besteiros do conto, os aquantiados em besta e (a partir de D. João I) os besteiros da câmara e os besteiros de cavalo também.

Em matéria de «armamento de sítio», contudo, o documento em causa também não é nada avaro em referências. Como bem se deduz de uma rápida consulta do «Quadro Sinóptico» que, para comodidade do leitor, apresentamos igualmente em anexo, a carta faz referência a um número já muito razoável de armas de fogo, bem como ao seu longo cortejo de componentes e acessórios: bombardas, trons, colubretas, assim como pelouros de pedra e de chumbo, achavam-se já muito bem representados no armazém real de Lisboa, na época em que Gonçalo Afonso foi o seu almoxarife. E não se esqueçam os vários ingredientes para o fabrico da pólvora (carvão, salitre, enxofre, todos eles referidos no documento), uma actividade decerto já bastante regular naquele armazém (onde, aliás, existia também uma «logea escura» em que se armazenava essa pólvora).

Por fim, saliente-se a presença de armamento destinado àquilo a que chamámos 'jogos de guerra' (ou seja, os jogos de tipo para-militar, simultaneamente lúdicos e marcialmente propedêuticos, tão ao gosto da nobreza da época). De acordo com este documento (que, por corresponder à amostragem de um período relativamente longo e agitado, não deverá distorcer muito a realidade das coisas) era já quase residual a presença de equipamento para torneios, claramente suplantados pelo desporto mais cortesão (e também mais seguro) das justas, sobretudo das chamadas «justas de paz»: repare-se no consumo significativo de roquetes e, subsidiariamente, de arandelas, um equipamento muito próprio desses jogos e comparável ao existente, nesta mesma época, noutros países europeus (Alemanha à cabeça, naturalmente).

5.

Observar o conteúdo do «almazem real» de Lisboa em meados do século XV convida também à ponderação de um outro tipo de problemas, relacionados com os critérios de organização interna dos arsenais de armas dos finais da Idade Média. Como é que, no interior destes arsenais, seriam arrumadas as armas? E será pos-

sível descortinar, sobre esta mesma matéria, alguma informação relevante na carta de quitação passada por D. Afonso V a Gonçalo Afonso?

Segundo demonstrou Claude Gaier, a principal fonte para o conhecimento dos critérios de arrumação das armas nos arsenais de guerra europeus tardo-medievais são os inventários das Salas de Armas dos castelos, tão característicos do século XIV²⁸. Trata-se de fontes muito bem estudadas por aquele grande hoplogologista belga e, na sua grande maioria, muito representativas, porque — já o dissemos — dizendo respeito a um dos principais centros europeus de produção de armas dos finais da Idade Média — os Países Baixos (recorde-se que a carta de quitação de 1455 faz várias referências à importação de peças e de matérias-primas da Flandres).

Ora, segundo concluiu Claude Gaier, armaduras à parte, todas as outras armas tenderiam a ser guardadas conjuntamente, não parecendo, porém, sujeitas a uma ordem lógica muito rigorosa²⁹. Por vezes, algum do material era pendurado em ganchos às paredes (em Namur, no ano de 1430, todas as bestas estavam penduradas assim). Mas o mais frequente parece que era depositar o material de guerra nos próprios recipientes que serviam habitualmente para o respectivo transporte: barricas, caixas, arcas, cestas, etc. A arca de madeira, o móvel medieval mais comum, era utilizado para abrigar os arneses. Quanto às peças de malha e suas congêneres, podiam ser penduradas em varapaus, em vãos de escada ou sítios do género: veja-se a representação da cena do embarque dos Normandos na Tapeçaria de Bayeux (cena n.º 37). Os armários também eram muito utilizados para guardar armas, nomeadamente espadas, conservadas em posição vertical. Recorde-se como o infante D. Pedro lamentava, justamente na carta que enviou de Bruges a seu irmão D. Duarte, a falta que os armários faziam no interior dos armazéns mandados preparar para os castelos! Segundo Claude Gaier, em 1437, o duque da Borgonha, Filipe-o-Bom (casado, já o sabemos, com a duquesa D. Isabel, irmã do infante D. Pedro) adquiriu um desses armários, de forma a «tenir nectement ses épées». Ao que parece, a dimensão desses móveis podia ser bastante grande: em 1386, um carpinteiro de Arras construiu um armário de car-

²⁸ Cf. GAIER 1973, pp. 293-294. Segundo este Autor, bons exemplos disso são os inventários feitos pelo conde de Artois no seu castelo de Calais (em 1294), ou pelo conde de Flandres na fortaleza de Courtrai (1322), ou ainda pelo duque da Borgonha nos seus vários castelos; isto sem esquecer os inventários dos castelos-fortes de Lille, de Beveren ou de Rupelmonde (1388), ou o da Torre de Londres.

²⁹ Para o que se segue, veja-se GAIER 1973, pp. 294-297.

valho destinado a guardar armaduras, o qual estava munido de quatro prateleiras cobertas de pano ou tela e não media menos do que 4,28m de comprimento.

Nas cidades, podiam aproveitar-se edifícios públicos suficientemente espaçosos para guardar as armas. Ainda que isso acontecesse provisoriamente. Disso mesmo se queixava o concelho de Coimbra, nas cortes de Lisboa de 1439: alegavam os respectivos procuradores que precisavam de uma verba de três contos, para poderem «correger» algumas casas; entre outras coisas porque, quando o monarca estava na cidade, uma dessas casas ficava sempre ocupada com «artilharias» e com outras coisas do rei³⁰. Mas, para além do estorvo (circunstância que terá estimulado a construção de arsenais, no sentido moderno do termo), este sistema comportava os seus riscos: em 1465, o grande mercado de Dinant ardeu, em consequência do incêndio accidental da pólvora que nele estava depositada. Construções urbanas feitas de raiz para abrigar a artilharia municipal, praticamente não houve: ao que parece, Liège fornece um dos raros exemplos, datado do último quartel do séc. XIV. Uma alternativa podia ser a utilização de igrejas como depósitos urbanos de materiais de guerra: isso acontecia, por exemplo, em Gand, nas caves da abadia de Saint-Bertin, em 1436. Recintos fortificados e torres podiam também ser abastecidos de artilharia e armamento (incluindo pólvora). Será, provavelmente, o que vimos acontecer em Valença, próximo de meados do século XV. Aliás, nesta época — e tendo até em consideração que, em Portugal, só a partir do terceiro quartel do século XV é que a fisionomia dos castelos se começará a transformar para acolher, verdadeiramente, as novas armas pirolísticas — as peças de artilharia eram geralmente deixadas nos adarves, na melhor das hipóteses apenas protegidas da inclemência meteorológica por alguns abrigos improvisados.

É possível que a criação de grandes arsenais de guerra 'públicos' (como o armazém real de Lisboa) tenha contribuído para racionalizar a gestão interna deste género de depósitos. A esse respeito, Claude Gaier deu-nos a conhecer um documento muito curioso. Trata-se do inventário do *engienhuis* de Gand, de 1489: ali se diz que as balas e os pelouros de artilharia (em quantidade superior a 7.000) estavam distribuídos por calibres, em arcas e barricadas identificadas por letras, de A a K; já as restantes munições estavam todas misturadas; da mesma forma, as barricadas de pólvora encontravam-se marcadas com letras maiúsculas, enquanto as que continham enxofre tinham letras minúsculas (cf. GAIER 1973, p. 297). Pela

³⁰ Cf. BGUC, Ms. 699, pp. 285-286 (Cortes de Lisboa de 1439, Capítulos Especiais de Coimbra, n.º 1).

carta de quitação que adiante transcrevemos, podemos presumir que pipas/ /barricas, caixas, barris e «botas» eram os recipientes mais utilizados para o acondicionamento das armas existentes no armazém real de Lisboa, em meados do século XV. As caixas parece que abrigavam sobretudo projecteis (quer se tratasse de simples virotões, quer de pesados pelouros de chumbo); a pólvora, essa, parece que era transportada (e, provavelmente, armazenada) em barris de pau, enquanto o enxofre terá sido guardado em «rondellas». Nas «botas», e provavelmente também em arcas e cestos (igualmente referidos no texto, embora sem relação expressa com o acondicionamento de armas), se guardariam as mais importantes peças do equipamento defensivo, a começar pelas «solhas» e a acabar, estamos em crer, nos numerosos arneses.

6.

Chegados aqui, uma outra questão que devemos colocar é a do risco de deterioração das armas e da maneira de o prevenir. É sabido que os responsáveis pelos armazéns de armas (os almoxarifes) travavam uma luta titânica contra dois inimigos principais: a corrosão e o apodrecimento das armas. Como refere Claude Gaier (1973, p. 297) isso exigia um gasto de energias de tal ordem (recorde-se que os métodos de conservação eram muito elementares e o controlo empírico da qualidade dos materiais de guerra muito limitado) que as fontes acabam por se referir muito mais à manutenção e à reparação das armas do que ao seu fabrico (ainda que a carta de quitação de que aqui nos servimos registre a presença de muitas matérias-primas, certamente destinadas ao fabrico de armamento, a começar pela célebre e internacionalmente apreciada madeira de teixo portuguesa, óptima para o fabrico de bons arcos e bestas). Aliás, insistimos em que, de muitos dos documentos acima citados, ressalta claramente a impressão de um certa especialização dos armeiros (os do armazém real e os outros) em duas 'categorias funcionais': os *fabricantes* propriamente ditos, e os *'limpadores'* de armas (como o Fernão d'Álvares que o Regente agracia em 1443), uns e outros decerto executantes de técnicas diferentes e bastante especializadas.

Pela nossa carta de quitação, percebemos muito bem como aqueles dois arqui-inimigos (a corrosão e o apodrecimento) estiveram presentes, entre 1438 e 1448, no armazém real de Lisboa. Com efeito, o documento dá conta de muitas peças de armamento defensivo deterioradas: por apodrecimento (é o caso de muitos bacinetes, gorjais, arneses e suas várias partes componentes); por oxidação/corrosão (veja-se a notícia da recepção de duas cotas de malha «queimadas»); por

acção dos ratos (que parece terem apreciado os quatro corsoletes que comeram); ou por outro motivo qualquer (p. ex.: empenamento). Entre o material ofensivo, percebemos que armas de haste sem cabos (p. ex.: fochas de ferro), ou um grande número de lanças apodrecidas, ou ainda hastes de dardos carunchosas, provocariam fortes dores de cabeça ao almoxarife e aos seus colaboradores mais próximos (guardas, porteiros, escrivães, tesoureiros, recebedores, etc.). Nem as armas pirotécnicas escapavam ao flagelo do tempo: o documento fala-nos em 15 «canos de trões» apodrecidos, que já não prestavam para servir e que, por isso, jaziam no ferro velho, ao lado de outras armas. «Botas» com solhas de justa podres, risetes de justa apodrecidos e selas de guerra estragadas, completam o 'quadro negro' da conservação das armas no armazém de Lisboa, em meados de Quatrocentos. Fora deste depósito, a situação haveria de ser ainda pior, como se viu acontecer em Estremoz, em 1435...

A luta contra esta deterioração das armas começava, como é natural, pela 'prevenção da doença': colocação das armas debaixo de abrigos adequados (guaritas, alpendres, mais tarde casamatas, etc.); lubrificação das partes móveis dos engenhos e das carretas de artilharia (muito referidas na carta passada ao almoxarife de Lisboa) por meio de sebo, de banha ou de sabão mole (Gonçalo Afonso despendeu 1 quintal, 1 arroba e 15 libras de sebo, além de 1 libra de «candeas de sebo»); recurso à acção hidrófuga (i. é, de protecção relativamente à humidade) do azeite, designadamente para tratamento das armaduras (o documento também dá conta da entrada e saída de vários cântaros de azeite); aplicação de verniz (Gonçalo Afonso declara ter gasto 15 arráteis e mais uma jarra de verniz) e de pinturas, como meio de prevenir a oxidação das peças metálicas; etc.

Quando, porém, a 'medicina preventiva' se revelava insuficiente, havia que actuar de uma outra forma, procurando eliminar os males que atacavam as armas. Pensamos, sobretudo, em trabalhos constantes de desenferujamento de peças (fossem elas espadas, ferros de flechas e de virotões, peças de artilharia ou outra arma qualquer). Segundo Claude Gaier, tais trabalhos eram praticados por abrasão ou raspagem, com uma lima, com esmeril ou mesmo com areia, sendo por vezes a peça deteriorada submetida também à acção do vinagre (cf. GAIER 1973, p. 299). Ora, não pode passar-nos despercebido o consumo de uma libra de esmeril e a presença de uma roda de pau para esmeril, no armazém de que Gonçalo Afonso foi almoxarife. Da mesma forma, a nossa carta de quitação diz expressamente que o dito almoxarife recebeu oito almudes e meio de vinho cru, o qual se transformou em vinagre e se gastou ... «em alinhamento de armas».

Conforme facilmente se adivinha, a recuperação das cotas de malha e das peças de armadura metálicas revelar-se-ia especialmente complexa: era preciso

‘poli-las’ sem cessar, ou seja, eliminar os vestígios superficiais de oxidação, que retiravam brilho ao metal. Nos Países Baixos, parece que a limpeza dos arneses era habitualmente executada por meio de um *tonneau rolloir* (uma pipa ou barrica rolante), uma espécie de tambor rotativo, dentro do qual eram colocados os ditos arneses, de mistura com um agente abrasivo que actuava sobre eles (cf. GAIER 1973, p. 300). Não deixa, por isso, de ser extremamente curioso verificar que o nosso documento alude precisamente à presença de «barriis d’alimpar armas» (na quantidade de apenas uma peça despendida) entre o acervo do armazém real de Lisboa. Tratar-se-á de um precioso vestígio do mesmo sistema de limpeza dos arneses?

É claro que a manutenção/reparação das bocas-de-fogo convocaria um número de operários mais elevado, sendo os respectivos trabalhos bastante morosos. Afiar os gumes e as pontas das armas ofensivas e dos seus projecteis, colar ou reforçar peças deterioradas, mas ainda recuperáveis (o documento em que nos apoiamos revela, por exemplo, a presença de grude), contrariar os empenamentos, seriam outros dos trabalhos de conservação e reparação mais praticados pelos armeiros do armazém real, ou por aqueles a quem — não o esqueçamos — o respectivo almoxarife contratava regularmente para a execução deste tipo de serviços. De resto, um regulamento dos alfagemes medievais de Évora, de 1373-1395, há muitos anos dado a conhecer por Gabriel Pereira, estipulava justamente os preços a cobrar pela execução de muitos destes trabalhos: limpeza de espadas; amolar de cutelos, de punhais ou de azcumas; limpeza de coxotes, de caneleiras, de braçais, de capelinas ou de bacinetes; etc. (cf. G. PEREIRA, p. 143).

7.

É tempo de finalizar. A fechar a nossa síntese, permita-se-nos que olhemos um pouco para o futuro. Ou seja, que chamemos ainda a atenção para a extraordinária revolução tecnológica que a generalização das armas de fogo (já tão presentes na carta de 1455) provocou na grande maioria dos países europeus, especialmente ao longo da segunda metade do século XV. Com efeito, o fabrico dessas armas, a sua optimização, até o seu transporte, exigiam níveis de rigor e de precisão a que a mentalidade medieval não estava, de forma alguma, habituada. Isso teve, naturalmente, reflexos profundos na tecnologia medieval.

Por um lado, obrigou a inventos decisivos (pensamos, por exemplo, nos instrumentos de desmultiplicação das forças musculares, do género das alavancas e das «cabras», já bem conhecidas no armazém de Gonçalo Afonso). Por outro,

estimulou o interesse pelo maquinismo (acicatado, talvez, pela difusão dos relógios mecânicos). Como adverte Claude Gaier, não se 'bricola' um canhão, tal como se faz com uma espada, uma charrua, um prato de estanho ou mesmo uma peça de pano; não se mistura a pólvora com a ausência de rigor com que se misturam a farinha ou as tintas. «Bombarda est pater omnium instrumentorum ac machinarum...», dizia-se nos finais da Idade Média (cf. GAIER 1973, p. 319). E com boas razões, tal com o futuro se encarregaria de demonstrar.

OBRAS CITADAS:

FONTES MANUSCRITAS:

Arquivos Nacionais/Torre do Tombo [AN/TT]. *Chancelarias Régias*: D. João I (Livros 2 e 5); D. Duarte (Livros 2 e 3); D. Afonso V (Livros 2, 4, 5, 15, 19, 20, 24, 25 e 34);

Arquivos Nacionais/Torre do Tombo [AN/TT]. *Gavetas*: Gaveta III, Maço 7 (doc. 13); Gaveta XVI, Maço 2 (doc. 13).

Arquivos Nacionais/Torre do Tombo [AN/TT]. *Colecção da Leitura Nova*: Livros de Além-Douro (n.º 3); Livros da Estremadura (n.º 4 e n.º 13); Livros de Odiana (n.º 4).

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra [BGUC]: *Manuscritos*: n.º 699.

FONTES IMPRESSAS:

AZEVEDO, Pedro de, *Um inventário do século XIV*, in «O Archeologo Português», vol. VII. Lisboa, 1902, pp. 223-234, 259-265 e 305-308.

CHAVES, Álvaro Lopes de, *Livro de Apontamentos (1438-1489). Códice 443 da Colecção pombalina da B.N.L.* Introdução e transcrição de Anastácia Mestrinho Salgado e Abílio José Salgado. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

DUARTE, D., *Leal Conselheiro*. Edição crítica, introdução e notas de Maria Helena Lopes de Castro. Prefácio de Afonso Botelho. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

DUARTE, D., *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (livro da Cartuxa)*. Edição diplomática de A. H. de Oliveira Marques, João José Alves Dias e Teresa F. Rodrigues. Lisboa, Editorial Estampa, 1982.

LOPES, Fernão, *Crónica de Dom Fernando*. Edição crítica por Giuliano Macchi, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975.

- LOPES, Fernão, *Crónica del Rei dom João I da boa memória. Parte Primeira*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977.
- LOPES, Fernão, *Crónica del Rei dom João I da boa memória. Parte Segunda*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977.
- PEREIRA, Gabriel, *Documentos Históricos da Cidade de Évora*. Apresentação de Humberto Baquero Moreno. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- PINA, Rui de, *Crónica de D. Afonso V*, in «Crónicas», Colecção «Tesouros da Literatura e da História», introdução e revisão de Manuel Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmão Editores, 1977.

ESTUDOS:

BARROCA, Mário Jorge

- 1998 *Castelos Medievais Portugueses. Origens e evolução (séc. IX-XIV)*, in «La Fortaleza Medieval: Realidad y Símbolo», Actas de la XV Asamblea General de la Sociedad Española de Estudios Medievales, pp. 13-30.

CÉSAR, Vitoriano José

- 1929 *Organização Militar*, in «História de Portugal», dir. de Damião Peres, Barcelos, Portucalense Editora Lda., vol. II, pp. 527-551.

GAIER, Claude

- 1973 *L'industrie et le commerce des armes dans les anciennes principautés belges, du XIII.^{me} à la fin du XV.^{me} siècle*. Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres».

MARQUES, A. H. de Oliveira

- 1987 *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*. Lisboa, Editorial Presença (vol. IV de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, dir., «Nova História de Portugal»).

MONTEIRO, João Gouveia

- 1998 *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa, Editorial Notícias.
- 1999 *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Lisboa, Edições Colibri-Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Colecção «Estudos», n.º 29).

VITERBO, Francisco Marques de Sousa

- 1907 *A armaria em Portugal. Notícia documentada dos fabricantes de armas brancas que exerceram a sua profissão em Portugal*, in «Extracto da História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa, nova ser., Classe de Ciências Moraes, etc.», t. XI — Parte II. Lisboa.

- 1907b *A armaria em Portugal. Segunda série. Notícia documentada dos fabricantes de armas de arremesso e de fogo, bésteiros, viroteiros, arcabuzeiros, espingardeiros, etc., que exerceram a sua industria no nosso paiz*, in «Extracto da História e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, nova ser., Classe de Sciencias Moraes, etc.», t. XI — Parte II. Lisboa.

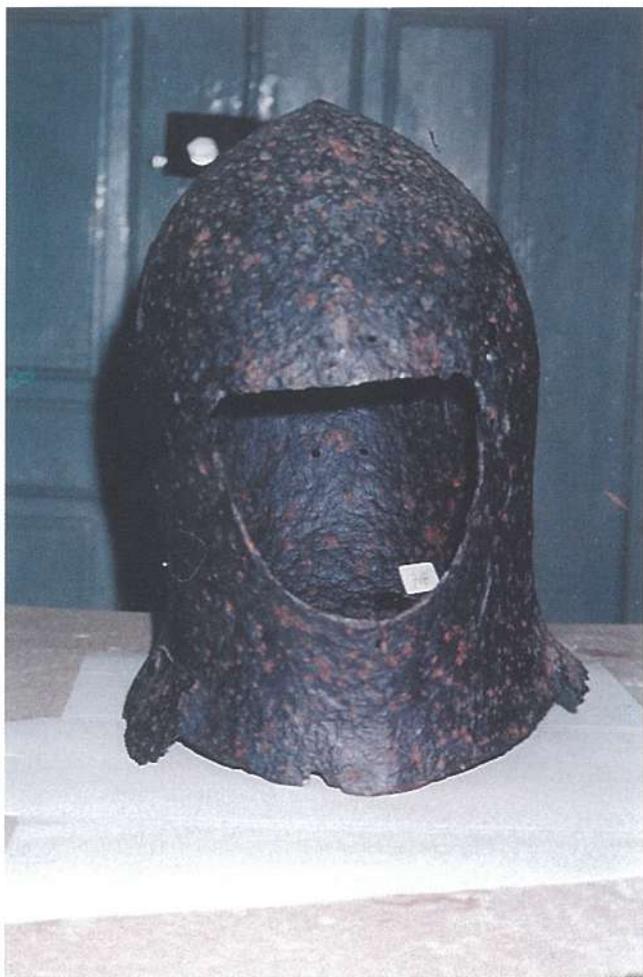


*«Elmo com nasal». Séculos XII-XIII.
Torres Novas, Museu Municipal.*

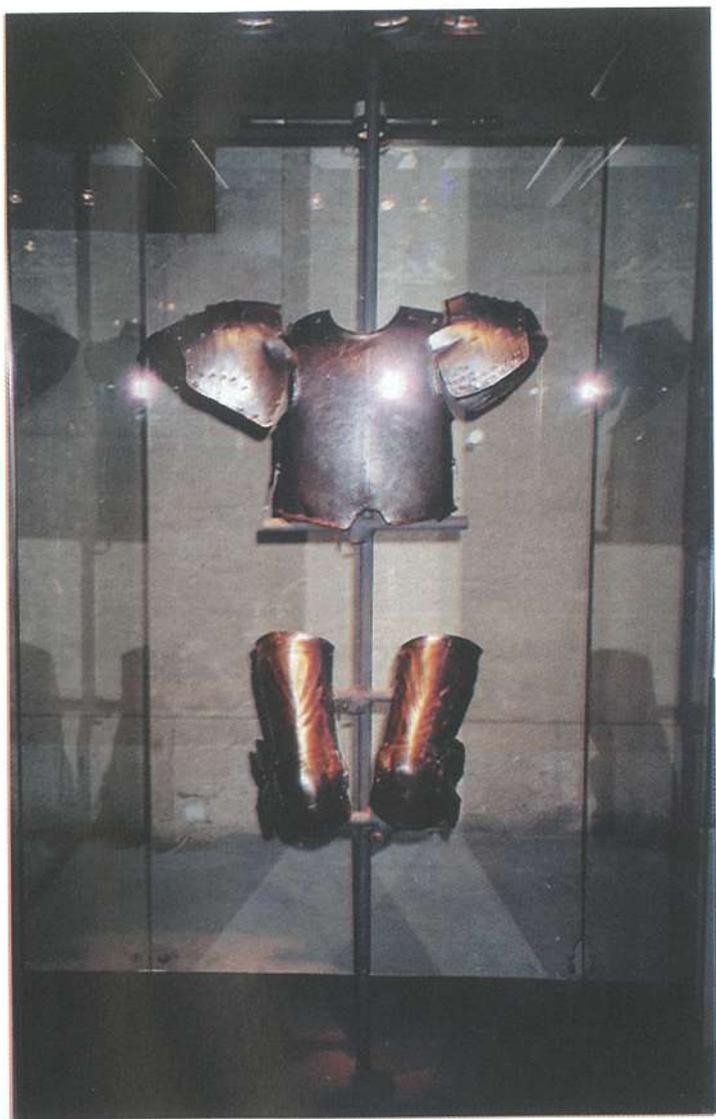


*«Chapéu de armas». Séculos XV-XVI.
Porto, Museu Militar.*





*«Bacinete». Séculos XIV-XV.
Pinhel, Museu Municipal.*



*«Elementos de Arnês». (Peitoral, ombreiras e coxotes com caneleiras). Séculos XV-XVI.
Guimarães, Museu Alberto Sampaio; Lisboa, Museu Militar.*



*«Pontas de lança medievais». Diversas cronologias. Séculos XI a XV.
Proveniências diversas.*



*«Bombarda». Fins século XIV/Inícios século XV.
Lisboa, Museu Militar.*



«Bestas cinegéticas». Século XVI.

Guimarães, Museu Alberto Sampaio; Lisboa, Museu Militar; Porto, Museu Militar.



«Armas de choque». (Martelos de Armas e Maça de Armas). Séculos XV-XVI.
Guimarães, Museu Alberto Sampaio.

QUADRO SINÓPTICO DA CARTA DE QUITAÇÃO DE 1455³¹

Índice:

1. ARMAMENTO DEFENSIVO

1.1. DEFESAS DE CABEÇA E PESCOÇO:

- 1.1.1. protecções de cabeça e rosto;
- 1.1.2. protecções de pescoço e garganta;

1.2. DEFESAS DE TRONCO E MEMBROS:

- 1.2.1. protecções em malha metálica;
- 1.2.2. protecções mistas (do tipo couraça ou «brigandine»);
- 1.2.3. protecções de placa — arneses (e seus acessórios);
- 1.2.4. outras protecções;

1.3. OUTRAS PEÇAS DO EQUIPAMENTO DOS GUERREIROS:

- 1.3.1. esporas;
- 1.3.2. escudos;

1.4. BANDEIRAS E PENDÕES

2. ARMAMENTO OFENSIVO

2.1. ARMAS DE MÃO:

- 2.1.1. armas brancas;

³¹ Dada a extensão, o pormenor e a riqueza de informação da carta de quitação que transcrevemos, decidimos elaborar este quadro de síntese, na esperança de poder proporcionar ao leitor uma apreensão mais rápida e mais segura do respectivo conteúdo. O quadro não pretende, porém, ser exaustivo, devendo, de resto, ser lido no contexto em que se enquadrou este estudo: uma exposição de armamento militar medieval. A organização deste sumário segue, além do mais, um critério de lógica interna, arma a arma, que não deve ser visto como correspondendo à ordem (bastante aleatória) em que a informação vai surgindo no documento régio em questão.

- 2.1.2. armas de choque;
 - 2.1.3. armas de haste;
 - 2.2. ARMAS DE ARREMESSO:
 - 2.2.1. armas de propulsão muscular;
 - 2.2.2. armas neurobalísticas (e seus projecteis);
- 3. ARMAMENTO DE SÍTIO
 - 3.1. ENGENHOS (PELOUROS)
 - 3.2. BOCAS DE FOGO (E SEUS PELOUROS):
 - 3.2.1. bombardas, trons e colubretas;
 - 3.2.2. pelouros;
- 4. ARMAMENTO PARA 'JOGOS DE GUERRA'
 - 4.1. PARA TORNEAR
 - 4.2. PARA JUSTAR
 - 4.3. PARA CAÇAR
 - 4.4. PARA ESGRIMIR
- 5. EQUIPAMENTO DE MONTAR E DEFESAS PARA CAVALOS
- 6. MATERIAIS PARA FABRICO OU CONSERVAÇÃO/REPARAÇÃO DE EQUIPAMENTO MILITAR
 - 6.1. MATÉRIAS-PRIMAS PARA O FABRICO DE ARMAS E ACESSÓRIOS
 - 6.2. NOTÍCIA DE PEÇAS PODRES OU ESTRAGADAS:
 - 6.2.1. deterioração de armamento defensivo;
 - 6.2.2. deterioração de armamento ofensivo;
 - 6.2.3. deterioração de armamento de sítio;
 - 6.2.4. deterioração de armamento para 'jogos de guerra';
 - 6.2.5. deterioração de outro equipamento;
 - 6.3. MATERIAIS E OPERAÇÕES PARA CONSERVAÇÃO OU REPARAÇÃO DE ARMAS
- 7. EQUIPAMENTO PARA ARMAZENAGEM OU TRANSPORTE DE MATERIAL DE GUERRA, E IMPORTAÇÃO DE ARMAS
 - 7.1. ARMAZENAGEM E TRANSPORTE
 - 7.2. IMPORTAÇÃO DE ARMAS

1. ARMAMENTO DEFENSIVO

1.1. DEFESAS DE CABEÇA E PESCOÇO

1.1.1. protecções de cabeça e rosto:

- recebeu 28 elmetos, tendo gasto 18, pelo que ficou a dever 10 peças (as quais lhe descontaram por outras tantas peças declaradas com babeiras e caras das 20 peças de celadas que despendeu);
- recebeu 1.174 bacinetes de armazém e de Flandres, tendo gasto 1.317 peças, assim de babeiras como de camais com caras e volantes;
- recebeu 74 caras de bacinetes e gastou 37 peças (com 6 de camal);
- recebeu 605 cascos de ferro e gastou 698 peças deste tipo;
- recebeu 31 celadas e gastou 51 peças deste tipo (pelo que despendeu mais 20 peças, das quais lhe contaram 10 peças por outras tantas de «elmetos» de que ficou devedor);
- recebeu de «barretas» 174 peças, que despendeu;

1.1.2. protecções de pescoço e garganta:

- recebeu de gorjais 230 peças podres, tendo gasto 258;
- recebeu 79 camais com cinco peças para guarnecer armas, tendo despendido 152 peças;
- recebeu 29 babeiras e despendeu 43 peças;
- despendeu 9 «collares de ferro», nada tendo despendido;

1.2. DEFESAS DE TRONCO E MEMBROS

1.2.1. protecções em malha metálica:

- recebeu duas cotas «queimadas», as quais despendeu;
- recebeu 95 cotas de malha de prata, tendo gasto 103 peças;
- recebeu 25 cotas de malha redonda, com 9 para guarnecer armas, tendo gasto 17 peças;

1.2.2. protecções mistas (do tipo couraça ou «brigandine»):

- recebeu de «cosetes» [corsoletes?] e «estofas» 518 peças, tendo gasto 514.
- recebeu 356 «corpos de solhas» e gastou 375 dessas peças;
- recebeu de corpos de lona para solhas 1 peça, que despendeu;
- (despendeu de lâminas de arneses de Flandres 6 peças) com uma certa quantia de solhas velhas que já não prestam, nada tendo recebido;
- despendeu de ristes para («jubanetes» e) solhas 26 peças estanhadas, nada tendo recebido;

- despendeu de peitos de solhas 14 peças, sem ter recebido nenhuma;
 - recebeu de jaques (e loudéis) 14 peças, as quais gastou;
- 1.2.3. protecções de placa – arneses (e seus acessórios):
- recebeu de arneses de armazém e pratas da Flandres 1.014 peças, tendo despendido 1.169 corpos;
 - despendeu de lâminas de arneses de Flandres 6 peças, nada tendo recebido;
 - recebeu 14 peças de arneses de armazém (as quais já não prestavam para servir);
 - recebeu de «arneses dianteiros» 36 peças;
 - recebeu (de espaldeiras e) «trasseiras» 80 peças, tendo despendido 108;
 - recebeu de «espaldaços» 1 peça, tendo despendido 56;
 - recebeu de braçais («braçõoes») 274 pares e uma peça, tendo gasto 375 pares;
 - recebeu 1.212 pares e meio de rebraços, e gastou 1.599 pares;
 - recebeu de gantes, «mandalletes», manoplas 138 pares, tendo gasto 176 pares;
 - despendeu de «faldras» de arneses de Flandres 4 peças (duas delas compridas e as outras não), nada tendo recebido;
 - recebeu 2 peças de arneses, com peitos e fraldões, as quais gastou;
 - recebeu de «peitos sem faldras» 191 peças, tendo despendido 245 dessas peças;
 - recebeu 54 fraldões, tendo despendido 88 peças do género;
 - recebeu de «meas faldras dianteiras» 4 peças, as quais gastou;
 - despendeu 20 correias para «faldrões», nada tendo recebido;
 - recebeu 84 pares de arneses de pernas, tendo gasto 65;
 - despendeu 3 coxotes, nada tendo recebido;
 - recebeu de caneleiras uma peça (podre) e despendeu dois pares;
 - recebeu três pares de sapatos de ferro, tendo gasto dois;
- (acessórios)
- recebeu de «machos femeas» para arneses 595 peças, das quais despendeu 248;
 - recebeu 4.076 fivelas para guarnecer armas, tendo despendido 6.681 peças, grandes e pequenas (pelo que gastou mais 2.605 peças, pelas quais lhe contaram 1.918 peças por outras tantas de que ficou deve-

dor dos «guarnimentos» das fivelas e «charneiras» para arneses; assim, gastou mais 687 peças);

- recebeu de «guarnimentos» para fivelas para arneses de charneiras 1.918 peças, as quais despendeu;
- recebeu 1.121 «charneiras», tendo despendido 2.537;

1.2.4. outras protecções:

- recebeu de «jubanetes» [gibanetes?] uma peça com um mangote, a qual despendeu;
- despendeu de ristes para «jubanetes» (e solhas) 26 peças estanhadas, nada tendo recebido;
- recebeu de (jaques e) loudéis 14 peças, as quais gastou;

1.3. OUTRAS PEÇAS DO EQUIPAMENTO DOS GUERREIROS:

1.3.1. esporas:

- recebeu de esporas 89 pares, tendo despendido 88;

1.3.2. escudos:

- recebeu de escudos e paveses 2.106 peças (sendo 50 escudos e paveses de aduela, 2.041 de homens de pé e 15 redondos); despendeu 2.123 peças (com 143 de aduela e com 4 redondos);
- recebeu 4 broquéis, os quais despendeu; -

1.4. BANDEIRAS E PENDÕES

- recebeu 4 bandeiras de cendal «com frocadura», as quais despendeu;
- despendeu 40 hastes de lanças para bandeiras das «hesas»;
- despendeu 7 coroas de pau pintadas para pôr nas pontas das lanças que levavam as bandeiras que iam nas «esas», nada tendo recebido;
- recebeu 98 pendões de S. Jorge, tendo gasto 120 peças;
- recebeu 24 pendões de papel com rabos de cendal, os quais despendeu na «esa»;
- despendeu 629 pendões de cendal, não tendo recebido nenhum;

2. ARMAMENTO OFENSIVO

2.1. ARMAS DE MÃO

2.1.1. armas brancas:

- despendeu de folhas de espadas 1 peça, não tendo recebido nenhuma;

- recebeu 105 dagas de ambas as mãos, com 100 peças de uma mão, as quais despendeu;

2.1.2. armas de choque:

- recebeu 687 cabos para fachas de chumbo, das quais despendeu 620 peças;
- despendeu de fachas de ferro 33 peças velhas sem cabos, nada tendo recebido;
- despendeu uma forma para fachas de chumbo, nada tendo recebido;
- recebeu de fachas e maças 1.048 peças, tendo despendido 1.080;
- recebeu um cutelo de dois cabos, que despendeu;

2.1.3. armas de haste:

- recebeu 860 ferros de lanças de homens de pé, tendo despendido 1.088 peças (pelo que gastou mais 228 peças, que lhe foram contadas, porque foram postas em outras tantas hastes de lanças que foram em «asteadas» e que por isso ficaram a faltar no total das lanças dos homens de pé);
- recebeu 522 lanças de homens de pé, tendo despendido 869 peças;
- recebeu de hastes de lanças de homens de pé 45 dúzias e 7 peças, tendo despendido 1.466 peças;
- recebeu 1.808 lanças de armas, tendo gasto 1.742 peças;
- despendeu 122 ferros de lanças de armas, não tendo recebido nenhuma peça;
- despendeu um «conto» de ferro para lança, não tendo recebido nenhum;
- recebeu 56 bisarmas, tendo despendido 111 peças;
- despendeu 20 vergas de ferro para cabos de bisarmas, nada tendo recebido;
- recebeu 150 focinhas e focinhos, tendo despendido 149 peças;

2.2. ARMAS DE ARREMESSO

2.2.1. Armas de propulsão muscular:

- recebeu 124 dúzias e meia de hastes para dardos³² e gastou 120 dúzias e uma peça (com 25 dúzias podres, assim devendo qua-

³² Não estamos certos de que se trate de «dardos» propriamente ditos (i. é, de armas de haste destinadas a ser arremessadas); por vezes, o documento em causa (como, aliás, outras fontes) parece relacionar esses «dardos» com as armas neurobalísticas (em particular com as bestas).

tro dúzias, sendo que há sete peças que estão podres e carunchosas);

- recebeu de dardos 675 dúzias e 11 peças, tendo despendido 889 dúzias e 7 peças;
- e recebeu de ferros de dardos 192 dúzias e 4 peças, tendo despendido 4.226 peças (com 10 peças de jogo e «rolões»);
- recebeu de fundas de manguela 18 peças, tendo despendido 33;

2.2.2. armas neurobalísticas (e seus projecteis):

(arcos e flechas)

- recebeu 743 arcos de flechas lavrados, que gastou;
- recebeu 9 arcos de pelouros, que gastou;
- recebeu 222 cordas de arcos para flechas, tendo gasto 325 peças;
- recebeu 12 «bracelettes» para arcos de flechas, os quais gastou;
- recebeu 1.304 paus de teixo por lavar para arcos de flechas, tendo gasto 1.319 peças;
- recebeu de flechas 228 peças, as quais despendeu;

(bestas: peças completas)

- recebeu 727 bestas de pau e despendeu 1037 peças;
- recebeu 203 bestas de aço e gastou 616 peças;
- recebeu 26 bestas de torno e meio, tendo gasto 42 peças;
- gastou 5 peças de «beestas d'artefiços d'arte nova», nada tendo recebido desse material;
- despendeu 1 besta para pelouros, sem ter recebido nada;
- nada recebeu de «beestas cadernaes», mas despendeu 25 peças do género;

(bestas: arcos)

- recebeu 416 arcos de aço para bestas e gastou 31 peças;
- recebeu 65 arcos de pau para bestas, tendo gasto 149 (com 33 peças «de romania» e 116 de teixo);

(bestas: coronhas)

- recebeu 566 coronhas para bestas e despendeu 227 peças;
- recebeu 200 «dejeitos» para coronhas, tendo gasto 465 peças;
- recebeu 208 «guarnimentos pera coronhas» e gastou 174 peças;
- recebeu uma coronha para bestas de pelouros, que despendeu;
- gastou 790 cravetes para coronhas, não tendo recebido nenhum;

- despendeu 55 pares e uma «fêmea» de «machas femeas pera coronhas», nada tendo recebido;
- gastou 72 folgas para coronhas de bestas, de que nada recebeu;
- despendeu 57 pregos para folgas de coronhas, nada tendo recebido;
- gastou mais 57 coronhas, sem ter recebido nenhuma;

(bestas: cordas)

- recebeu 486 pares de cordas para as garruchas e gastou 74 pares (os 412 pares que ficou a dever foram-lhe descontados na soma das 429 garruchas e dos 406 «polleatos» que se mostrou que despendeu, os quais foram guarnecidos com as ditas cordas, pelo que foi dado por quite);
- recebeu 391 cordas para polés de bestas, tendo gasto 96 peças;

(bestas: nozes)

- nada recebeu de «calços» para nozes de besta, mas gastou 58 peças desse género;
- despendeu 649 nozes para bestas, sem ter recebido nenhuma;

(bestas: chaves)

- despendeu 208 peças de chaves para coronhas, não tendo recebido desse material;
- nada recebeu de chavetas para bestas, mas despendeu 92 peças desse tipo;

(bestas: cintos e correias)

- recebeu 788 cintos (novos e velhos) e gastou 842 peças (com 27 farpas e 3 velhas);
- recebeu 36 correias com farpas com que armam as bestas, as quais gastou (foram postas nos cintos);
- recebeu de farpas com fivelas 40 peças, as quais gastou nos cintos;
- recebeu 13 correias para bestas de aço e gastou 12 peças;

(bestas: «artefícios» para armar)

- recebeu 284 «artefícios» de armar bestas a cavalo (231 de armar bestas a cavalo e 44 «artefícios sem çepoos» e 9 «artefícios de pollees»), tendo gasto 323 peças (92 de armar bestas a cavalo e 184 com braços de ferro e com 15 garruchas e «poleatos» em três «botas», e as 47 peças de garruchas para armar bestas a cavalo);
- recebeu 286 polés e gastou 433 peças (as 147 que gastou a mais foram-lhe descontadas em farpas de garruchas de que ficou deverdor);

- recebeu 135 polés de pau grandes e pequenas, tendo gasto 109 peças; e recebeu de «rondanas» para elas 139 peças e despendeu 179 peças com 33 cavilhas;
 - recebeu de polés para bestas 68 peças e gastou 289 peças;
 - recebeu 313 garruchas, uma com «polleatos», e despendeu 346 peças;
 - recebeu de «polleatos» 286 peças, tendo gasto 433;
 - despendeu 276 «canbos estanhados pera grades de pollees», nada tendo recebido dessa peça;
 - recebeu 183 farpas de garrucha e gastou 17 peças (das 166 peças que ficou a dever foram-lhe descontadas 147 peças, «por outros tantos poleatos de todollos artefícios que mais despendeo»);
 - recebeu de cabos de pau para garruchas 40 peças, tendo despendido 122 pares;
 - despendeu duas peças de «beestas marchetadas com garruchas», nada tendo recebido;
 - despendeu dois armatostes, não tendo recebido nenhum;
 - recebeu 8 tornos para armar bestas (estando um deles quebrado), tendo gasto 25 peças (incluindo um torno grande);
 - despendeu de «ferros forcados» para armar bestas de torno 10 peças, sem ter recebido nenhuma;
- (bestas: outras referências)
- recebeu uma marca de marcar bestas, que também despendeu (juntamente com mais 11 peças, sendo uma delas para marcar madeira);
 - despendeu 25 peças de «escaleiras pera voltar paaos pera beestas», sem ter recebido nenhuma;
 - recebeu de «viras» 12 peças, tendo gasto 35;
- (virotões)
- recebeu 406.534 virotões «mistos» (em 34 caixas), tendo gasto 366.864 peças (em 890 caixas); o que deve foi-lhe descontado na soma dos 58.727 ferros de virotões e nas suas 53.286 hastes, que despendeu;
 - recebeu 190.532 hastes de virotões, tendo gasto 243.818 peças;
 - recebeu 112.090 ferros de virotões e despendeu 105.297;
 - recebeu de «dejeitos» para virotões 5.000 peças, tendo gasto 5.562 peças;
 - recebeu 683 caixas para virotões e gastou 601 peças;
 - recebeu de «virotos» 23 peças, tendo despendido 52;

- nada recebeu de «ferros de viratões em asteados», mas despendeu 700 peças desse tipo;
- despendeu 75 virotões para bestas de torno, nada tendo recebido;
- despendeu 13.050 ferros de «viratooes garrotos», sem ter recebido nenhum;
- recebeu 53 aljavas e gastou 61 peças;

3. ARMAMENTO DE SÍTIO

3.1. ENGENHOS (PELOUROS)

- despendeu 43 pedras para engenhos, nada tendo recebido;

3.2. ARMAS DE FOGO (E SEUS PELOUROS)

3.2.1. bombardas, trons e colubretas:

(peças completas)

- recebeu 22 bombardas e bombardetas e despendeu 28 peças (com 30 câmaras e com um «canam sem camara»);
- recebeu uma bombardeta de metal, que gastou;
- recebeu de trons 336 peças e despendeu 340 (pelo que despendeu mais 4 peças, com 609 câmaras);
- recebeu 439 colubretas e despendeu 495 peças (com 16 peças de metal com 203 câmaras);

(componentes e acessórios)

- recebeu 3 câmaras para bombardas, tendo despendido 53;
- recebeu 61 «antrepeitos» para bombardas, tendo gasto 41 dessas peças;
- recebeu um malhete para bombardas com pregos e chave, o qual despendeu;
- recebeu de cintas para bombardas e trons 126 peças com certos pregos, tendo despendido 84 peças;
- recebeu 4 «guarnimentos» para bombardas, tendo despendido todas essas peças;
- recebeu 62 chaves para bombardas de trons, tendo gasto 42 peças;
- recebeu 104 câmaras de trons e gastou 19 dessas peças (as 85 que ficou a dever foram-lhe descontadas na despesa das 609 câmaras desses trons);
- recebeu de «canos de trões» 15 peças podres e despendeu 13 peças podres;

- recebeu 96 ferros de pôr fogo a trons, tendo despendido 106 peças;
 - recebeu 2 fechos para trons, que despendeu;
 - recebeu 42 paus de pinho e rolos para encaixar trons, tendo gasto 46 peças;
 - despendeu 7 chapas para trons, sem ter recebido nenhuma peça do género;
 - recebeu e gastou 1 arroba de pregos para trons;
 - recebeu 100 cabos para colubretas (os quais foram instalados nessas armas);
 - recebeu 741 paus de teixo por lavar e gastou 495 peças (das quais 255 «peças das Ilhas» e 210 peças que não prestavam, pelo que ficou a dever 246 peças, as quais, sendo «delgadas» e não boas para delas se fazerem bestas, foram despendidas em cabos de colubretas e machados);
 - recebeu 5 formas de pau para colubretas, que despendeu;
 - recebeu de «peellas de ferro hocas pera poer fogo» 25 peças, as quais despendeu;
 - despendeu 18 «foziis de ferir fogo», sem ter recebido nenhum;
- (movimentação e transporte)
- despendeu 4 «cadeas com ganchos pera bombardas», não tendo recebido nenhuma;
 - recebeu de «cordas de guindaresas com que guindam bombardas» 3 peças (uma delas pesando 5 arráteis e 3 libras), as quais despendeu;
 - recebeu de polés com guindastes de ferro que guindam as câmaras para as meterem nas bombardas 1 peça, que despendeu;
 - despendeu 2 «caabrias» com que «guindam» as bombardas, nada tendo recebido desse material;
 - recebeu uma carreta ferrada para bombardas, munida de quatro rodas, peça essa que despendeu;
 - despendeu 5 asas para trons, não tendo recebido nenhuma;
 - recebeu um artifício para «tirar colubretas», o qual despendeu;
 - despendeu 14 peças de ferro, mais 4 argolas de ferro, mais 90 pernos de ferro para carretas, e ainda 16 ganchos de ferro, nada tendo recebido desse material;

- despendeu 8 paus que pertenciam às carretas, mais 87 peças de «caibros», não tendo recebido desse material;
- recebeu de «lavancas monteiras» 1 peça e despendeu 5 peças (pelo que gastou mais 4 peças, pelas quais lhe contaram uma peça por outra de pé de cabra);

3.2.2. pelouros:

- recebeu 3 formas para fazer pedras para bombardas, tendo despendido 5 peças desse tipo;
- recebeu «de picadeiras pera picar moos e fazer pedras de trões e bombardas» 22 peças, tendo despendido 83;
- recebeu 5.118 pedras para bombardas e trons, tendo gasto todas;
- recebeu 20 formas de metal para nelas moldarem pelouros de chumbo para colubretas, tendo gasto 21 peças do género;
- recebeu 49 quintais, 2 arrobas e 3 libras de chumbo, tendo gasto 44 quintais e 11 libras; ficou, assim, a dever 5 quintais e 1 arroba e meia, quantia que lhe descontaram por 3.280 pelouros e chumbo que mais despendeu;
- recebeu 50 pelouros de chumbo e gastou 3.330;
- gastou uma caixa para pelouros de chumbo, não tendo recebido nenhuma;

3.2.3. pólvora:

- recebeu 72 quintais, 2 arrobas e 7 libras de pólvora, tendo gasto 97 quintais, 3 arrobas e 4 libras;
- recebeu 30 barris de pau e despendeu 13 peças; ficou, portanto, a dever 17 barris de pau, os quais foram enviados cheios de pólvora à cidade de Ceuta e a outros lugares (pelo que foi dado por quite);
- recebeu de carvão em pedra dois tonéis, que gastou; e recebeu de carvão «de cepa» 338 argaãs, tendo gasto 144 sacos e argaãs;
- recebeu de salitre 33 quintais, duas arrobas e 14 libras, tendo despendido 15 quintais e 6 libras (pelo que ficou a dever 18 quintais, 2 arrobas e meia, que gastou em pólvora);
- recebeu de trempes para sobre elas porem salitre ao fogo uma peça (a qual se gastou no fogo);
- gastou 6 pisões de ferro para pisar salitre, os quais não recebera;
- recebeu de enxofre 46 quintais, 3 arrobas e 9,5 libras, tendo despendido 57 quintais, 3 arrobas e uma libra e meia, mais uma «rondella» cheia;

4. ARMAMENTO PARA 'JOGOS DE GUERRA'

4.1. PARA TORNEAR

- despendeu 4 «mãaos de coiro» de torneio, não tendo recebido nenhuma;
- despendeu 100 peças de pau «emcoirados» para torneios;
- despendeu 2 «cubos de coiro» para cavalos de torneio, nada tendo recebido;

4.2. PARA JUSTAR

- recebeu 5 elmos de justa, tendo despendido 14 peças do género;
- despendeu 11 solhas de justa velhas e podres, não tendo recebido nenhuma;
- recebeu de pedaços de solhas de justa 22 peças podres, tendo despendido 13 pedaços;
- recebeu 2 pratos de justa, tendo gasto 12 peças do género;
- despendeu 3 peitos de justa com espaldeiras, não tendo recebido nenhum;
- despendeu 5 ristes de justa podres, não tendo recebido nenhum;
- recebeu 6 mãos de justa, que gastou;
- despendeu 2 braçais de justa, não tendo recebido nenhum;
- recebeu 4 escudos de justa, tendo gasto 5 peças deste tipo;
- recebeu 78 varas de justa, tendo despendido 88 peças;
- despendeu 18 «paaos de justa», não tendo recebido nenhum;
- recebeu 2 ferros de «correr pontas», os quais despendeu com mais 2 peças;
- recebeu 11 roquetes, tendo despendido 74 peças;
- recebeu 6 goces/gozetes, tendo despendido 57 peças deste tipo;
- recebeu 9 arandelas, tendo despendido 24;
- recebeu 3 selas de justa, tendo despendido 7 peças;

4.3. PARA CAÇAR

- recebeu 24 ferros de azcuma de monte, que despendeu;

4.4. PARA ESGRIMIR

- recebeu de «cascos de gualteiras pera esgrima» 3 peças, que despendeu;

5. EQUIPAMENTO DE MONTAR E DEFESAS PARA CAVALOS

- despendeu de cabeçadas de cavalos 5 peças, nada tendo recebido; e despendeu também 4 rédeas «guarnidas» para as ditas cabeçadas (ainda que nada tenha recebido);

- recebeu 42 bridas para cavalos, tendo despendido 48 peças deste tipo (pelo que gastou mais 6 peças, com 6 «mosos ginetes e cabeçadas»);
- nada recebeu de «retrancas e peitoraaes», mas despendeu umas «guarnecidas e compridas».
- recebeu de colares e cabrestos de cavalos 100 peças (50 colares e 50 cabrestos), os quais despendeu;
- recebeu de panos de cilhas para cavalos e azémolas 234 peças, tendo gasto 236;
- recebeu de selas de guerra 19 peças, tendo despendido 31 (24 sem cilhas e com estribos, 4 que não prestam e as outras boas);
- recebeu 24 pares de estribos («estrebeiras»), que despendeu;
- despendeu um par de estribos, não tendo recebido nenhum;
- despendeu um estribo de capuchos, nada tendo recebido;
- recebeu 24 pares de loros para estribos, os quais despendeu;
- recebeu 15.857 ferraduras «místicas», tendo despendido 16.603 peças com seus cravos;

6. MATERIAIS PARA FABRICO OU CONSERVAÇÃO/REPARAÇÃO DE EQUIPAMENTO MILITAR³³:

6.1. MATÉRIAS-PRIMAS PARA O FABRICO DE ARMAS E ACESSÓRIOS

- recebeu e gastou grande quantidade de «paaos de teixo» para fabricar arcos, flechas e bestas;
- recebeu e despendeu vários quintais de linho («alconove em fio», «pano de linho», «pano de linho azull brunido», etc.);
- recebeu e gastou várias arrobas de algodão;
- recebeu e gastou um cesto de estopa;
- recebeu e despendeu de «ferradas de coiro» e de «atacas de coiro» numerosas peças;
- recebeu e gastou algumas varas de lona (designadamente para o fabrico de solhas);

³³ Recorde-se que, nas entradas anteriores, relativas às armas defensivas e ofensivas se fez já referência a muitos materiais destinados ao fabrico dessas mesmas armas, referências que não vamos aqui repetir exaustivamente. O mesmo se diga relativamente à utilização de carvão, salitre e enxofre, para o fabrico da pólvora.

- recebeu de folha de ferro de Flandres, «dobrada e singella», 482 peças e meia, tendo despendido 641 peças e meia;
- recebeu e gastou muitos arráteis de «fio de ferro» [arame];
- recebeu e despendeu grandes quantidades de ferro, de aço e de estanho, em várias ocasiões;
- recebeu diversas chapas de ferro, ferros, argolas e pernos para carretas;
- recebeu diversas «travessas pera çintos» e «farpas com fivelas» e «relhas», que aplicou em cintos;
- recebeu e gastou 692 «reigadas» de cornos de cervo;
- recebeu e gastou muito material para o fabrico de escadas;
- recebeu e gastou muitos quintais e arrobas de metal («metall mistico»);
- recebeu e despendeu uma peça «de sinos com seus badallos»;
- recebeu e gastou muitos quintais de chumbo;
- recebeu duas caldeiras e gastou uma; a peça que deve foi desfeita e fundida com outro metal, de que corregeram bombardas;

6.2. NOTÍCIA DE PEÇAS PODRES OU ESTRAGADAS

6.2.1. deterioração de armamento defensivo:

- recebeu 74 caras de bacinets e gastou 37 peças (com 6 de camal), pelo que ficou a dever outras 37 peças (as quais lhe foram levadas em despesa por não prestarem para servir, sendo postas junto de outro ferro velho podre);
- recebeu de gorjais 230 peças podres, tendo gasto 258;
- recebeu duas cotas «queimadas», as quais despendeu;
- recebeu de «cosetes» [corsoletes?] e «estofas» 518 peças, tendo gasto 514, pelo que ficou a dever 4 peças, «as quaaes lhe comerom os ratos e assy he quite»;
- despendeu de lâminas de arneses de Flandres 6 peças (com uma certa quantidade de solhas velhas que já não prestam), nada tendo recebido;
- recebeu 14 peças de arneses de armazém, as quais lhe foram levadas em despesa, porque estavam podres e não prestavam para servir;
- recebeu 1.212 pares e meio de rebraços, e gastou 1.599 pares, uma soma dos quais podres;
- recebeu de caneliras uma peça podre, e despendeu dois pares (pelo que gastou mais 3 peças)...

- 6.2.2. deterioração de armamento ofensivo:
- despendeu de fochas de ferro 33 peças velhas sem cabos, nada tendo recebido;
 - recebeu de hastes de lanças de homens de pé 45 dúzias e 7 peças, tendo despendido 1.466 peças (estando 80 dessas peças já podres);
 - recebeu 124 dúzias e meia de hastes para dardos e gastou 120 dúzias e uma peça, (com 25 dúzias podres), assim ficando a dever quatro dúzias, sendo que havia sete peças que estavam já podres e carunchosas;
- 6.2.3. deterioração de armamento de sítio:
- recebeu de «canos de trões» 15 peças podres e despendeu 13 peças podres devendo por isso duas peças. Estas, porém, foram-lhe levadas em despesa, porque eram podres e não prestavam para servir, jazendo com outras armas e ferro velho;
- 6.2.4. deterioração de armamento para 'jogos de guerra':
- recebeu de pedaços de solhas de justa 22 peças podres, tendo despendido 13 pedaços. Assim, ficou a dever 9 pedaços, os quais lhe descontaram da soma das lâminas velhas que não prestavam e que foram achadas na «bota»;
 - despendeu 11 solhas de justa velhas e podres, não tendo recebido nenhuma;
 - despendeu 5 ristes de justa podres, não tendo recebido nenhum;
- 6.2.5. deterioração de outro equipamento:
- recebeu de selas de guerra 19 peças, tendo despendido 31 (24 sem cilhas e com estribos, 4 que não prestam e as outras boas);
- 6.3. MATERIAIS E OPERAÇÕES DE CONSERVAÇÃO OU REPARAÇÃO DE ARMAS
- recebeu 36 peças de «coiros vacariis cortidos» (as quais despendeu); recebeu também 70 peças de «coiros de bezeros cortidos», tendo gasto 43 (pelo que ficou a dever 27 peças, as quais lhe foram levadas em despesa porque se gastaram em «guoarnecer armas do dicto almazem»);
 - despendeu dois arráteis de «pedra hume» (que não recebera);
 - recebeu um quintal e 7 libras de sebo (mais adiante diz-se que despendeu 1 libra de «candeas de sevo»), tendo despendido 1 quintal, 1 arroba e 15 libras;
 - recebeu e gastou vários quintais de grude e várias onças «de goma e galha e aziche»;
 - despendeu 6 arráteis de cera e 8 arráteis de resina;

- recebeu 41 cântaros de azeite e 7 canadas, tendo despendido 3 cântaros e 2 canadas;
- recebeu 8 almudes e meio de vinho cru, o qual se transformou em vinagre e se gastou «em alinamento d'armas»;
- recebeu 13 arráteis e meio de verniz, tendo gasto 15; mais adiante, diz-se que despendeu uma jarra com verniz (não tendo recebido nenhuma);
- recebeu 3 arrobas e 1 libra de esmeril, tendo gasto 3 libras e meia; mais à frente refere-se que despendeu uma roda de pau para esmeril;
- recebeu de «machos femeas» para arneses 595 peças, das quais despendeu 248 (pelo que deve 347 peças, as quais lhe foram levadas em despesa «em corregimento d'armas que se corregerom»);
- despendeu de «barriis d'alimpar armas» 1 peça (não tendo recebido nenhuma);

7. EQUIPAMENTO PARA ARMAZENAGEM OU TRANSPORTE DE MATERIAL DE GUERRA, E IMPORTAÇÃO DE ARMAS

7.1. ARMAZENAGEM E TRANSPORTE:

- recebeu 24 pipas e despendeu 20, pelo que ficou a dever 4 peças, as quais lhe foram levadas em despesa «com as armas que despendeu em que foram metidas»;
- recebeu e gastou centenas de caixa para virotões;
- despendeu uma caixa para pelouros de chumbo;
- recebeu 30 barris de pau e despendeu 13 peças; ficou, pois, a dever 17 barris de pau, os quais foram enviados cheios de pólvora à cidade de Ceuta e a outros lugares (razão por que foi dado por quite);
- despendeu uma «rondella» cheia de enxofre;
- recebeu de pedaços de solhas de justa 22 peças podres, tendo despendido 13 pedaços, pelo que deve 9 pedaços, os quais lhe descontaram da soma das lâminas velhas que não prestam e que foram achadas na «bota»;

7.2. IMPORTAÇÃO DE ARMAS (OU DE MATERIAIS PARA O SEU FABRICO):³⁴

- recebeu 1.174 bacinetes de armazém de Flandres, tendo gasto 1.316 peças, assim de babeiras como de camais com caras e volantes;

³⁴ Não se considera aqui a exportação de armamento por a carta de quitação em causa não dar nenhuma indicação a esse respeito.

- recebeu de arneses de armazém e pratas da Flandres 1.014 peças, tendo despendido 1.169 corpos;
- despendeu de lâminas de arneses de Flandres 6 peças (com uma soma das solhas velhas que já não prestam), nada tendo recebido;
- despendeu de «faldras» de arneses de Flandres 4 peças (duas delas compridas e as outras não), nada tendo recebido;
- despendeu de «capazes de Frandes» [?] 3 peças, não tendo recebido nenhuma;
- recebeu de folha de ferro de Flandres, «dobrada e singella», 482 peças e meia, tendo despendido 641 peças (incluindo 14 em que havia «senhos palmos» e com 50 estanhados);

Handwritten text at the top of the page, possibly a title or header, including the name 'Luis de...' and other illegible characters.

Main body of handwritten text, consisting of several columns of dense script. The text is highly stylized and appears to be a legal or administrative document. It contains numerous words and phrases, many of which are difficult to decipher due to the cursive handwriting and some fading. There are several large initials and some words that are clearly legible, such as 'Luis de...', 'Dios...', and 'Yo...'. The text is organized into paragraphs, with some lines starting with a large initial letter.

1455, Julho, 21, Lisboa — *Carta de quitação a Gonçalo Afonso, almoxarife do armazém da cidade de Lisboa, do que recebeu e despendeu entre 1 de Janeiro de 1438 e 1 de Janeiro de 1448*³⁵.

B) AN/TT, *Chancelaria de D. Afonso V*, Livro 15, fólhos 26v.^o-29.

C) AN/TT, *Leitura Nova, Livro 7 da Estremadura*, fólhos 275-283v.^o.

Dom Afonso etc. A quantos esta carta de quitação virem fazemos saber que nos mandamos a Joham Alvarez e a Joham d'Ornellas e a Gonçallo Gonçallvez e a Joham Gonçallvez nossos contadores em os contos da cidade de Lisboa e a Alvaro Estevez e a Pero Afonso e a Luis Martins e a Alvaro Vaaz nossos escripvaes dos dictos contos que tomassem conto e recado a Gonçallo Afonso, criado que foy del Rey Dom Joham meu avoo cuja alma Deus aja e almoxarife que foy do nosso almazem em a dicta cidade, de todo aquello que por nos recebo e despendeu des primeiro dia do mes de Janeiro da era do nascimento de Nosso Senhor Jhesu Christo de mil IIII^o XXXVIII anos ataa primeiro dia do mes de Janeiro do nascimento de mil IIII^o RVIII annos, assy das armas e almazeens como d'ouro, prata e dinheiros e outras cousas que ao dicto nosso almazem perteençem das possisooes, casas e eranças que nos avemos em a dicta cidade e seu termo e da renda do vento que lhe no dicto almazem mandamos recadar e dos dizemos dos bões que foram dos mouros e da venda d'algũuas cousas e d'outros algũus dinheiros e outras cousas que tambem o dicto Gonçallo Afonso recebo d'outros nossos ofiçiaaes e pessoas e comunas dos judeus destes nossos Regnos assi desta cidade de Lisboa como de

³⁵ Na transcrição que se segue, feita a partir de «B», tomou-se como modelo as «Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos», da autoria do Padre Avelino de Jesus da Costa (3.^a edição, Coimbra, 1993). Agradecemos, penhoradamente, à D.^{ra} Maria Leonor Cruz Pontes a colaboração prestada, ao longo de semanas, na transcrição deste documento. Queremos ainda agradecer à Prof.^a Doutora Leontina Ventura os esclarecimentos e sugestões tão gentilmente aventados, na hora de aprontar a versão definitiva deste texto.

fora della e assi outras cousas que ao dicto almazem pertencem segundo se mais conpridamente mostrou per certos livros da receita e despesa per que foy fecta recadaçom de saa conta, a quall conta Nos mandamos recensar a Afomso Gonçallvez nosso contador em os dictos contos e a Afomso Alvarez outrosi nosso escripvam dos dictos contos. E segundo se mostrou per a dicta sua recadaçom parece que nos dictos anos recebeo e despendeo o dicto Gonçallo Afomso per desvairados tempos e partes esto que se adiante segue.

Item recebeo de dinheiro dous contos seis mil oytocentos e honze reaaes meo brancos e amostrasse que despendeo dous contos trezentos quinze reaaes II pretos e assi nos ficou devedor em seis mil quatrocentos e LRVI reaaes III pretos. E recebeo de dobras cruzadas viinte peças e quarto as quaaes deve. E recebeo de dobras valledias cem peças e despendeo cento seis e assy despendeo mais seis. E recebeo de ferros de viratões CXII LR peças e despendeo CLVI II^c LRVII peças e assy despendeo mais RIIII II^c VII peças. E recebeo de garruchas III^c XIII peças com hũa com polleatos e despendeo III^c RVI peças e assi despendeo mais XXXIII peças. E recebeo de aricanes cento LXXV peças e despendeo CLXXX peças e assi despendeo mais cinco peças. E recebeo de gurguzes CVIII peças os quaaes despendeo. E recebeo de bestas de paa VII^c XXVII peças e despendeo mil XXXVII peças e assi despendeo mais III^c X peças. E recebeo de trões III^c XXXVI peças e despendeo III^c R peças e assi despendeo mais IIII peças com VI^c IX camaras. E recebeo de coronhas pera beestas V^c LXVI peças e despendeo II^c XXVII peças e assi deve III^c XXIX peças as quaaes lhe som descontadas por outras tantas beestas d' aço das IIII^c XIII peças que se mostra adiante que mais despendeo no totallez dellas e assi he quite. E recebeo de cintos novos e velhos VII^c LXXXVIII peças e despendeo VIII^c RII peças com XXVII farpas e tres velhas e assi despendeo mais LIIII peças. E recebeo d'azeite R^{ta} hũu cantaros e sete canadas e despendeo tres cantaros e II canadas e assi deve XXXVIII cantaros e cinco canadas. E recebeo de trigo LXIIII alqueires o quall deve. E recebeo de çevada XII alqueires o quall deve. E recebeo d'espaldeiras e trasseiras LXXX peças e despendeo çento e VIII peças e assi despendeo mais XXVIII peças. E recebeo d'arnesses d'almazem e pratas de Frandes mil XIIII peças e despendeo mil CLXIX corpos e assy despendeo mais cento e cinquenta e cinco corpos. E recebeo de gorjalhis II^c XXX peças podres e despendeo II^c LVIII peças e assi despendeo mais XXVIII peças. E recebeo ³⁶ de cosetes e estofas V^c XVIII peças e despendeo V^c XIIII peças e assi deve IIII peças as quaaes lhe comerom os ratos e assy he quite. E recebeo de bombardas e bombardetas XXII

³⁶ No texto: *despendeo*.

peças e despendeo XXVIII peças com XXX e camaras e com hũu canam sem camara e assi despendeo mais VI peças. E recebeo de traves quatro peças e despendeo hũua peça e assy deve III peças as quaaes foram despesas na hessa do Iffante Dom Pero d'Aragam e assy he quite. E recebeo de ponteos XXVII peças e despendeo XXX peças e assy despendeo mais tres peças dos quaaes lhe contaram duas peças de pontoos terçados em que ficou devedor no totallez delles segundo adiante faz mençom e assi despendeo mais hũua peça e recebeo de pontoos terçados XII peças e despendeo dez peças e assi deve duas peças as quaaes lhe descontarom dos tres pontoos mais despendeo no totallez delles e assy he quite. E recebeo de meos pontoos VIII peças as quaaes despendeo. E recebeo de chaves pera bombardas³⁷ de trões LXII peças e despendeo RII peças e assi deve XX peças. E recebeo de cintas pera bombardas e trões CXXVI peças com certos pregos e despendeo LXXXIIII peças e assy deve RII peças. E recebeo de broquees IIII peças os quaaes despendeo. E recebeo d'arcos d'aço pera beestas IIII^c XVI peças e despendeo XXXI peças e assy deve III^c LXXXV peças os quaaes lhe descontarom por outras tantas beestas d'aço das IIII^c XIII peças das dictas beestas que se mostra que mais despendeo no totallez dellas e assy he quite. E recebeo de astes pera dardos CXXIIII duzeas e mea e despendeo cento e vinte duzeas e hũua peça com XXV duzeas podres e assy deve quatro duzeas VII peças das quaaes nom he de curar por quanto som podres e caronchosas e nom som pera prestar e assy he aqui quite. E recebeo d'esteyras XII peças as quaaes despendeo. E recebeo de cordas de guindaresas com que guindam bombardas tres peças com hũua que pesou V arratees IIII libras as quaaes despendeo. E recebeo de correas com farpas com que armam beestas XXXVI peças as quaaes despendeo que foram postas nos çintos e por esto som aquy postas em despesa. E recebeo de troqueses XXIX peças as quaaes despendeo mais das dictas troqueses tres peças as quaaes entregou a Joham Sodre almoxarife do almazem. E recebeo de corpos de solhas III^c LVI peças e despendeo III^c LXXV peças e assy despendeo mais XIX peças. E recebeo de pedaços de solhas de justa XXII peças podres e despendeo XIII pedaços e assi deve IX pedaços as quaaes lhe descontarom da soma das laminas velhas que nom prestam que foram achadas na bota segundo se contem no totallez dellas e assy he quite. E recebeo de bacinetes d'almazem e de Frandes mil CLXXIIII peças e despendeo mil III^c XVII peças assi de babeiro como de camãaes com caras e volantes e assy despendeo mais CRIII peças. E recebeo de viratões mistigos IIII^c VI^v XXXIIII peças em XXXIIII quaixas e despendeo III^c LXVI VIII^c LXIIII peças em VIII^c LR quaixas e assy deve XXXIX VI^c LXX peças

³⁷ No texto: *bonbarbaldas*.

os quaaes lhe som descontadas da soma dos $\overline{\text{LVIII}}$ VII^c XXVII ferros de viratões e das $\overline{\text{LIII}}$ II^c LXXXVI astes delles que mais despendeo no totallez delles e assy he quite. E recebeo de marras de ferro IX peças e despendeo quatro peças e assy deve cinco peças as quaaes entregou ao dicto Joham Sodre almoxarife e assy he quite. E recebeo de botas e rondellas velhas XXXII peças e despendeo XXXVII peças e assy despendeo mais V peças. E recebeo de verniz XIII arratees meo e despendeo XV arratees e assy despendeo mais hũu arratell e meo. E recebeo de salitre XXXIII quintaaes duas arovas XIII libras e despendeo XV quintaaes VI libras e assy deve XVIII quintaaes duas arovas e mea o quall se gastou em polvora que se delle fez segundo adiante faz mençom que mais despendeo no totallez della e assy he quite. E recebeo de canhas de ferro LXIII peças e despendeo CLXIII peças grandes e³⁸ pequenas com CLR pera enxadas e assy despendeo mais LR peças. E recebeo de ferros de lanças d'oomões de pee VIII^c LX peças e despendeo mil e LXXXVIII peças e assy despendeo mais II^c XXVIII peças as quaaes lhe contarom por que forom postas em outras tantas astes de lanças que forom em asteadas e faleçerom no totallez das lanças dos homões de pee. E recebeo de ferro III^c LRII quintaaes XIII libras tres quartas e despendeo III^c LRVIII quintaaes e tres libras e assy despendeo mais VI quintaaes tres arovas IIII libras e quarta. E recebeo de vassos de ballanças VI peças e despendeo IX peças scilicet V peças de tres quintaaes com duas de senhas arovas e hũua de mea arrova e dous de senhas quartas e dous de quatro arratees cada hũu e hũu de dous arratees. E XXIII pesos desta guisa scilicet os IIII de VIII arratees e os outros de hy pera fundo e assy despendeo mais tres peças com os dictos pesos. E recebeo de trenpees pera sobre ellas poerem salitre ao fogo hũua peça a quall se gastou no fogo e assy he quite. E recebeo de peneiras de seda tres peças as quaaes despendeo. E recebeo de cabos pera colobretas cem peças as quaaes forom postas em as colobretas e assy he quite. E recebeo de cabos pera alviões CV peças e despendeo III^c XXX peças e assy despendeo mais II^c XXV peças. E recebeo de bariis de paaó XXX peças e despendeo XIII peças e assy deve XVII peças os quaaes³⁹ forom cheos de polvora aa çidade de Cepta e outros lugares e assy he quite. E recebeo de bisarmas LVI peças e despendeo CXI peças e assy despendeo mais LV peças. E recebeo de cabos pera fachas de chunbo VI^c e LXXXVII peças e despendeo VI^c XX peças e assy [*deve*] LXVII peças as quaaes lhe som descontadas das II^c XXV peças de cabos de paaó pera alviões e enxadas que mais despendeo no totallez delles e assy he aqui quite. E recebeo de peças de arneses

³⁸ Segue-se *penas*, riscado.

³⁹ Seguem-se algumas letras sem sentido.

com peitos e faldrooes duas peças as quaaes despendero [fl. 27]. E recebeo de peças d'arneses d'almazem XIII peças as quaaes lhe som levadas em despesa porque som podres e nom som pera servir. E recebeo de canos de trões XV peças podres e despendero XIII peças podres e assy deve duas peças as quaaes lhe som levadas em despesa por que som podres e nom som pera servir e jazem com outras armas e fero velho contheudo no totallez ante desto. E recebeo de liaças de vimees XII peças as quaaes despendero. E recebeo de toldos de pano de coor pera navio com a devisa del Rey Eduarte hũa peça a quall despendero e mais hũa. E recebeo de batees de coiro duas peças com seus liames os quaaes despendero. E recebeo de tendilhões sem cordas hũa peça a quall despendero. E recebeo de cascos de ferro VI^c V peças e despendero VI^c LRVIII peças e assy despendero mais LR<III> peças. E recebeo dos dejeitos pera coronhas II^c peças e despendero III^c LXV peças e assy despendero mais II^c LXV peças. E recebeo de paaos de pinho e rollos pera⁴⁰ encaixar trões RII peças e despendero RVI peças e assy despendero mais quatro peças. E recebeo de tavoas de pinho RI duzeas e dez peças e despendero LI duzeas e VI peças e assy despendero mais IX duzeas e VII peças. E recebeo de astes de viratões CLR^c V^c XXXII peças e despendero II^c RIII VIII^c XVIII peças e assy despendero mais LIII II^c LXXXVI peças e recebeo de sacos de pano de linho XXXVIII peças as quaaes deve. E recebeo de rebraços mil II^c XII pares e meo e despendero mil V^c e LRIX pares e hũa soma delles podres e assy despendero mais III^c LXXXVI pares e meo e hũa soma delles podres. E recebeo de peitos sem faldras CLRI peças e despendero II^c RV peças e assy despendero mais LIII peças. E recebeo de tanazes de ferraria grandes e pequenas LII peças e despendero LIII peças e assy despendero mais hũa peça. E recebeo de malhos de ferraria R peças e despendero RIX peças e assy despendero IX peças.

Outrossy despendero mais hũa peça e por estas X peças que mais despendero lhe som contadas dez peças de carmatoes em que ficou devedor no totallez delles. E recebeo de fio de ferro XX arratees e tres liaças e despendero XXII arratees e meo e tres liaças e asy despendero mais dous arratees e meo. E recebeo de cabos pera sobrecarregas XXX peças e despendero cem peças e assy despendero mais LXX peças. E recebeo de tomento cinco pedras as quaaes despendero. E recebeo de breu e pez hũu quintaall IIII libras o quall despendero. E recebeo de sevo hũu quintaall VII libras e despendero hũu quintaall hũa arrova e XV libras e assy despendero mais hũa arrova e VIII libras. E recebeo de laa maçomadia hũa arrova e VI libras a quall despendero. E recebeo de fugareeos XII peças e despendero XXIX peças

⁴⁰ Segue-se palavra riscada.

os XXIIII com astes e cinco quebrados e assy despendero mais XVII peças. E recebeo de beestas d' aço II^c III peças e despendero VI^c XVI peças e assy despendero mais III^c XIII peças e por estas que assy mais despendero lhe som contados os III^c LXXXV arcos d' aço pera beestas em que ficou devedor no totallez delles e assy despendero mais XXVIII peças. E recebeo de capões hũa peça a qual deve. E recebeo de camaaes com cinco peças pera guarnecer armas LXXIX peças e despendero CLII peças e assy despendero mais LXXIII peças. E recebeo de caras de baçinetes LXXIIII peças e despendero XXXVII peças com seis de camall e assy deve XXXVII peças as quaaes lhe som levadas em despesa porque nom som pera servir e som postos com outro ferro velho podre. E recebeo de arneses de pernas LXXXIIII pares e despendero LXV pares e assy despendero mais XXXI pares. E recebeo de barruees VII peças e despendero XII peças e assy despendero mais cinco peças. E recebeo de cotas queimadas duas peças as quaaes despendero. E recebeo de cordas pera arcos de frechas II^c XXII peças e despendero III^c XXV peças e assy despendero mais CIII peças. E recebeo de gantes e mandalletes e manopollas CXXXVIII pares e despendero CLXXVI pares e assy despendero mais XXXVIII pares. E recebeo de linho alcanove em fio dous quintaaes tres arrovos e mea o quall despendero. E recebeo de picoes de ferro III peças e despendero dez peças e assy despendero mais VII peças. E recebeo de faldrões LIIII peças e despendero LXXXVIII peças e assy despendero mais XXXIIII peças. E recebeo de celladas XXXI peças e despendero LI peças e assy despendero mais XX peças das quaaes lhe contarom dez peças por outras tantas d' elmetos em que ficou devedor no totallez delles e assy despendero mais dez peças. E recebeo d' esporas LXXXIX pares e despendero LXXXVIII pares e assy deve hũa par. E recebeo de elmetos XXVIII peças e despendero XVIII peças e assy deve dez peças as quaaes lhe descontarom por outras tantas peças declaradas com baveiras e caras das XX peças das dictas celladas que mais despendero no totallez dellas e assy he quite. E recebeo d' escudellas e paaos XXIIII peças as quaaes despendero. E recebeo de dejeitos pera viratões cinco mil peças e despendero cinco mil V^c LXII peças e assy despendero mais V^c LXII peças. E recebeo de quaixas pera viratões VI^c LXXXIII peças e despendero VI^c hũa peça e assy deve LXXXII peças as quaaes lhe descontarom das VIII^c LR quaixas que mais despendero com os viratões no totallez dellas. E recebeo de moos de braço VI peças e despendero VII peças e assy despendero mais hũa peça. E recebeo de verdugos de serras braçãaes hũa peça a quall despendero. E recebeo de pipas XXIIII peças e despendero XX peças e assy deve quatro peças as quaaes lhe som levadas em⁴¹ despesa com

⁴¹ No texto: *sem*.

as armas que despendeo em que foram metidas. E recebeo d'arcos de paaõ pera beestas LXV peças e despendeo CRIX peças com XXXIII de romania e as CXVI peças de teixo e assy despendeo mais LXXXIII peças. E recebeo de serras braçãaes emfustadas X peças e despendeo XXV peças e assy despendeo mais XV peças das quaaes lhe contarom seis peças por outras tantas peças de folhas de serras em que ficou devedor no totalez dellas e assy despendeo IX peças as quaaes lhe contarrom por outras tantas serras de m̃ãõ e que ficou devedor no totalez dellas. E recebeo de caneliras h̃ua peça podre e despendeo dous pares e assy despendeo mais tres peças. E recebeo de fitas streitas de linho X braças as quaaes despendeo. E recebeo de algodram duas arrovas as quaaes despendeo. E recebeo de folhas de serras VI peças as quaaes deve e lhe forom descontadas das XV peças que mais despendeo no totalez das serras braçãaes e assy he quite. E recebeo de pelles de purgaminho nove duzeas e IIII peças e despendeo cento e sete peças e assy deve V peças. E recebeo de panos de cilhas pera cavallos e azemalas II^c XXXIIII peças e despendeo II^c XXXVI peças e assy despendeo mais duas peças. E recebeo [*de*] liteiro LXXV varas as quaaes despendeo. E recebeo d'escofinas III peças as quaaes despendeo. E recebeo de machos femeas pera arneses V^c LRV peças [*e despendeo*] II^c RVIII peças e assy deve III^c RVII peças as quaaes lhe som levadas em despesa em corregimento d'armas que se corregerom. E recebeo de farpões de cortar vellas e rotar III^c XXXVII peças e despendeo III^c XI peças e assy deve XXVI peças. E recebeo de papell de marca pequena duas arresmas e despendeo duas arresmas e LV m̃ãõs e assy despendeo mais LV m̃ãõs. E recebeo d'artefiços d'armar beestas a cavallo II^c LXXXIIII peças os II^c XXXI d'armar beestas a cavallo e RIIII artefiços sem çepoos e os nove artefiços de pollees e despendeo III^c XXIII peças os LRII d'armar beestas a cavallo e CLXXXIIII com braços de ferro e com XV garruchas e poleatos em tres botas e as RVII peças de garruchas pera armar beestas a cavallo e assy despendeo mais XXXIX peças. E recebeo de cabos de ferro e d'aço que ficarom do lavramento das obras que se fazem pera o dicto almazem h̃ua arrova VIII libras e mea o quall despendeo. E recebeo de ferros de poer fogo a trõs LRVI peças e despendeo CVI peças e assy despendeo mais dez peças. E recebeo de arcos de frechas lavrados VII^c RIII peças os quaaes despendeo. E recebeo de pollees com guindastes de ferro que guindam as camaras pera as meterem nas bonbardas h̃ua peça a quall despendeo. E recebeo de polleatos II^c LXXXVI peças e despendeo IIII^c XXXIII peças e assy despendeo mais cento e RVII peças os quaaes lhe contarom por outras peças de farpas de garruchas em que ficou devedor no totallez dellas. E recebeo de metall mistico XVII quintaaes duas arrovas e X libras e mea e despendeo XIIIII quintaaes tres arrovas e dez libras e assi deve dous quintaaes tres arrovas e mea libra. E recebeo de ferros d'azcuma de monte XXIIII peças as quaaes despendeo.

E recebeo de çafras de ferro de ferraria quatro peças e despeneo cinco peças e assy despeneo mais hũa peça. E recebeo de paaos de teixo por lavar pera arcos de frechas mil III^c IIII peças e despeneo mil III^c XIX peças e assy despeneo mais XV peças. E recebeo de lanças d'armas mil e VIII^c VIII peças e despeneo mil VII^c RII peças e assi despeneo mais XXXIIII peças. E recebeo d'escudos e paveses dous mil CVI peças os L escudos e paveses d'aduella e os II RI peça d'oomões de pee e XV redondos e despeneo dous mil CXXIII peças com CRIII d'aduella e com quatro redondos e assi despeneo mais XVII peças. E recebeo de bacias de cobre hũa peça a quall despeneo. E recebeo de paaos de teixo por lavar VII^c RI peças e despeneo IIII^c LRV peças as II^c LV peças das Ilhas e as II^c X peças que nom prestam e assy deve II^c RVI peças os quaaes delgados e nom eram pera delles fazer beestas e forom desposos em cabos de colobretas e machados. E recebeo de novellos de barbante XV VII^c XXVII peças e despeneo XV VI^c LRVIII peças e assy deve XIX peças. E recebeo de corpos de lonas pera solhas hũa peça a quall despeneo. E recebeo de dardos VI^c LXXV duzeas e XI peças e despeneo VIII^c LXXXIX duzeas e VII peças e assy despeneo mais II^c XIII duzeas e VIII peças. E recebeo de fivellas pera guarnecer armas IIII LXXVI peças [fl. 27v.^o] e despeneo VI VI^c LXXXI peças grandes e pequenas e assi despeneo mais II VI^c V peças por as quaaes lhe contarom mil IX^c XVIII peças por outras tantas de que ficou devedor dos guarnimentos das fivellas e charneiras pera arneses e assy despeneo mais VI^c LXXXVII peças. E recebeo ferramentaas IIII peças os quaaes despeneo. E recebeo de pano de trez XXV varas e mea e despeneo cento e hũa varas e assy despeneo mais LXXXV varas e mea. E recebeo de albardas XII peças as quaaes despeneo. E recebeo de ferros de dardos CLRII duzeas e quatro peças e despeneo IIII II^c XXVI peças com X peças de jogo e rolões e assi despeneo mais mil IX^c XIX peças. E recebeo de serras de mão IX peças com duas limas as quaaes deve e lhe foram descontadas por outras tantas que mais despeneo no totallez das serras braçaaes emfustadas e doutras com as dictas limas e asi he quite. E recebeo de machados II^c LXVI peças com quatro machadinhas e despeneo II^c LXXXIIII peças com hũa de dous agumes e assy despeneo mais XVIII peças. E recebeo de traados XXVI peças grandes e pequenas e despeneo XXIX peças e assi despeneo mais III peças. E recebeo d'enxos mouriscas com LXVII fossiis cento e XXIII peças e despeneo CLXXVI peças com CIIII peças de peto e assi despeneo mais LIII peças pollas quaaes lhe contarom dez peças das enxos d'anballas mãos em que ficou devedor no totallez dellas e assi despeneo mais RIII peças. E recebeo d'enxos d'anballas mãos dez peças as quaaes deve e lhe som descontadas por outras tantas enxos suso escriptas que mais despeneo no totallez dellas e assi he quite. E recebeo de fouçes roçadoiras III^c XXXVI peças e despeneo III^c e XXXVII peças e

assi despeneo mais hũa peça. E recebeo de fouças de talhar vellas IIII peças e despeneo VIII peças e assi despeneo mais IIII peças. E recebeo d'almarcoas XVI peças e despeneo XXXVI peças e assi despeneo mais XX peças. E recebeo de fachas e maças mil e RVIII peças e despeneo mil e LXXX peças e assy despeneo mais XXXII peças. E recebeo de corpos d'abuterres II CXXXVII peças e despeneo VI^c LXXV peças e assi deve mil IIII^c LXII peças. E recebeo de cotas de prata malha LRV e despeneo CIII peças e assi despeneo mais VIII peças e por estas que assi mais despeneo lhe som contadas oyto cotas de malha redonda em que ficou devedor no totallez dellas. E recebeo de folha de ferro de Frandes dobrada e singella IIII^c LXXXII peças e mea e despeneo VI^c RI peças e mea com XIII em que ha senhos palmos e com L^{ta} estanhados e assi despeneo mais CLIX peças. E recebeo d'estopa hũu cesto o quall despeneo. E recebeo de remos de faya pera batees XVIII peças os quaaes despeneo. E recebeo de arcas e quaixas grandes XXIX peças com algũuas de pinho e despeneo CXXXI peças e assi despeneo mais CII peças. E recebeo de purmões podres LXXII peças e despeneo LVIII peças e assi deve XIII peças. E recebeo d'enxufre RVI quintaes III arrovas IX libras e mea e despeneo LVII quintaes III arrovas hũa libra e mea e mais hũa rondella chea e assi despeneo mais X quintaes III arrovas e VIII libras e mais a dicta rondella chea. E recebeo de aço LX quintaes II arrovas e XI libras e despeneo LXVII quintaes e II arrovas II libras quarta e assy despeneo mais VI quintaes tres arrovas VII libras e quarta. E recebeo de ferro velho tres arrovas II libras e tres quartas em hũa bota o qual despeneo. E recebeo d'enxadas II^c RIII peças e despeneo II^c LXXVII peças e assy despeneo mais RIII peças. E recebeo d'esmerill tres arrovas e hũa libra e despeneo tres arrovas tres libras e mea e assi despeneo mais II libras e mea. E recebeo de picões CII peças e despeneo CIII peças e assi despeneo mais II peças. E recebeo d'alviooes e picaretos II^c XXXIII peças e despeneo II^c LII peças com LXXXVII peças sem cabos e assy despeneo mais XIX peças. E recebeo de bragall LXXXIII varas e despeneo LXXXVIII varas e assy despeneo mais V varas. E recebeo de aljavas LIII peças e despeneo LXI peças e assy despeneo mais VIII peças. E recebeo de alcofas e seiras d'esparto CLXXXVIII peças e despeneo CLXXXVII peças e assy deve hũa peça. E recebeo de soltas II^c peças as quaaes despeneo. E recebeo de maneiras II^c peças as quaaes despeneo. E recebeo de seiroses d'esparto XXXIII peças com quatro cordas e despeneo RVIII peças e assy despeneo mais XV peças. E recebeo de jueiras hũa duzea a quall despeneo. E recebeo de legalhos de linhas II^c peças as quaaes despeneo. E recebeo d'agulhas de cosser hũu milheiro as quaaes despeneo. E recebeo de camartees grandes e pequenos LXXIII peças e despeneo LXIII peças e assi deve X peças as quaaes lhe forom descontados por outros tantos malhos de ferraria que mais

despendeo no totallez delles e assy he quite. E recebeo de picaxollas XXX peças e despndeo RVII peças e assy despndeo mais XVII peças. E recebeo de lavancas monteiras hũa peça e despndeo V peças e assy despndeo mais IIII peças pelas quaaes lhe contarom hũa peça por outra de pee de cabra em que ficou devedor no totallez della e assi despndeo III peças. E recebeo d'escouparos RVI peças e despndeo RVIII peças e assi depndeo mais II peças. E recebeo de lavancas de pee de cabra hũa peça a quall deve e lhe foy descontada por outra que mais despndeo no totallez das lavancas monteiras e assy he quite. E recebeo de ferros pera baixiis de vallar II^o RIIII peças e despndeo CLXXXV peças e assi deve LIX peças os quaaes lhe descontarom das LXXIIII paas de vallar com seus ferros que mais despndeo no totallez dellas e assy he quite. E recebeo de paas de vallar com seus ferros LXXV peças e despndeo CRIX peças e assi despndeo mais LXXIIII peças por as quaaes lhe contarom LIX peças por outros tantos baixiis em que ficou devedor no totallez delles e assy despndeo mais XV peças. E recebeo de guarnimentos pera coronhas II^o VIII peças e despndeo CLXXIIII peças e assy deve XXXIIII peças as quaaes lhe som levadas em despesa porque foram postas nas coronhas. E recebeo de cotas de malha redonda XXV peças com IX pera guarneçer armas e despndeo XVII peças e assy deve VIII peças as quaaes lhe som descontadas por outras tantas de prata malha que mais despndeo no totallez dellas e assy he quite. E recebeo de carvam em pedra dous tonees os quaaes despndeo. E recebeo de carvam de çepa III^o XXXVIII argaas e despndeo CRIIII sacos e argaas e assy deve CLRIIII argaas. E recebeo de mossos ginetes VI peças os quaaes despndeo. E recebeo de almeradas V peças as quaaes despndeo. E recebeo de legras V peças as quaaes despndeo. E recebeo de cordas d'esparto mil II^o LXIIII peças e despndeo mil II^o IIIII peças e assy deve LX peças. E recebeo de formas de metall pera em ellas moldarem pelouros de chunbo pera colobretas XX peças e despndeo XXI peças e assi deve mais hũa peça. E recebeo de gamellas LXVIII peças e despndeo LXVII peças e assi deve hũa peça. E recebeo d'alguidares de barro quatro peças os quaaes despndeo. E recebeo de barras de ferro CXVIII peças e despndeo CXXIIII peças e asy despndeo mais VI peças. E recebeo de ferraduras misticas XV^o e VIII^o LVII peças e despndeo XVI^o VI^o III peças com seus cravos e asy despndeo mais VII^o RVI peças. E recebeo de bigornas sete peças as quaaes despndeo. E recebeo de tisoiras de cortar ferro tres peças e despndeo duas peças e asy deve hũa peça. E recebeo d'estacas de ferro hũa peça e despndeo dez peças e assy despndeo mais IX peças com hũa longa de guarnecer armas. E recebeo de parporas hũa peça a quall deve. E recebeo de rancoras XVII peças as quaaes despndeo e mais II peças. E recebeo de farpas de garruchas CLXXXIIII peças e despndeo XVII peças e asy deve CLXVI peças das quaaes lhe descontarom CRVII peças por outros tan-

tos poleatos de todollos artefícios que mais despendeo no toalez delles e asy deve XIX peças. E recebeo de tornos per'armar beestas oyto peças com hūu quebrado e despendeo XXV peças com hūu grande e asy despendeo mais XVII peças. E recebeo de dagas d'anballas mãaos CV peças com cem peças de hūua mãao as quaaes despemdeo. E recebeo de coronhas pera beestas de pelouros hūua peça a quall despemdeo. E recebeo de marcas de marcar beestas hūua peça a quall despendeo e mais XI peças com hūua pera marcar madeira. E recebeo de arcos tornados de tonees XVII duzeas os quaaes despemdeo com vimees em corregimento de louça. E recebeo de fundas de mangellas XVIII peças e despendeo XXXIII e assy despendeo mais XV peças. E recebeo de caldeiras duas peças e despendeo hūua peça e assy deve hūua peça a quall foy desfeita e fundida com outro metall de que corregeram bonbardas. E recebeo de colhares de ferro hūua peça e despendeo duas e asy despendeo mais hūua peça. E recebeo chunbo RIX quintaes II arrovas e tres libras e despendeo RIII quintaes XI libras e asy deve V quintaes e hūua arrova e meya o quall lhe descontarom por III^c II^c LXXX pelouros de chunbo que mais despendeo no toalez delles e assy he quite. E recebeo de ferros de correr pontas II peças os quaaes despendeo e mais duas peças. E recebeo d'enxooos pera escallas VIII peças que pesarom XVI quintaes III arrovas hūua libra de ferro os quaaes despendeo. E recebeo de cordas pera a[s] garruchas IIII^c LXXXVI pares e despendeo LXXIV pares e assy deve IIII^c XII pares as quaaes lhe som descontadas da soma das IIII^c XXIX garruchas e dos IIII^c VI polleatos que se mostrou que despendeo os quaaes foram guarnecidos com as dictas cordas e assy he quite. E recebeo de cordas pera poolles de beestas III^c LRI peças e despendeo LRVI peças e asy deve II^c LRV peças as quaaes lhe [f. 28] som descontadas das III^c XIII peças de pollees com que foram guarnecidas e assy he quite. E recebeo de arpooes d'aferrar naaos tres peças os quaaes despemdeo. E recebeo de cadeas com LXVII foziiis tres peças as quaaes despendeo e mais seis peças. E recebeo de macetas de pedreiros XIII peças as quaaes despemdeo. E recebeo d'escadas de pedreiros XI peças e despendeo VIII peças com hūua que entregou a Joham Sodre e assy deve tres peças. E recebeo de pendões de Sam Jorge LRVIII peças e despendeo CXX peças e assy despemdeo mais XXII peças. E recebeo de veyos e buxas pera moos de barbeiro hūua peça a quall despendeo. E recebeo de coiros vacariis cortidos XXXVI peças os quaaes despendeo. E recebeo de coiros de bezeros cortidos LXX peças e despendeo RIII peças e assy deve XXVII peças os quaaes lhe som levados em despesa porque se gastaram em guarnecer armas do dicto almazem e assy he quite. E recebeo de vareseudos VIII^c peças os quaaes despendeo e mais XXIX peças em hūua rondella. E recebeo d'escudos de justa quatro peças e despendeo V peças e asy despendeo mais hūua peça. E recebeo d'elmos de justa cinco peças e despendeo XIV peças e asy

despendeo mais nove peças. E recebeo de mãaos de justa VI peças as quaaes despemdeo. E recebeo de braços de balanças VII peças e despemdeo seis peças e asy deve hũa peça a quall lhe levom em despesa porque foy posta em hũuas balanças que levou Dom Alvaro quando foy d'armada e asy he quite. E recebeo de rodas de papell pintadas LXXXVI peças e despemdeo XIX peças e assy deve LXVII peças as quaaes lhe levom em despesa porque se gastarom⁴² na esa del Rey Dom Joham meu avoo cuja alma Deus aja e asi he quite. E recebeo de pendões de papell com rabos de çemdall viinte e quatro peças os quaaes despemdeo na dicta esa. E recebeo de bandeiras de çendall com frocadura quatro peças as quaaes despemdeo. E recebeo de pollees de pao grandes e pequenas CXXXV peças e despemdeo CIX peças e assy deve XVI peças. E recebeo de rondanas pera ellas CXXXIX peças e despemdeo CLXXIX peças com XXXIII cavilhas e assy despemdeo mais R peças. E recebeo de bufetes XIII peças as quaaes despemdeo. E recebeo de <chapas e> machos e femeas d'escaalla XVIII peças as quaaes despemdeo. E recebeo d'estanho IX quintaes tres arrovas e XIII libras e despemdeo XI quintaes hũa arrova VIII libras e quarta e assy despemdeo mais hũu quintaall hũa arrova X libras e quarta. E recebeo de vinho cruu VIII almudes e meo o quall se fez vinagre e se gastou em alinramento d'armas com outro e assy he quite. E recebeo de caboos d'enxoos L hũa peça os quaaes despemdeo. E recebeo⁴³ d'arquazes pera ferramentas hũa peça a quall despemdeo. E recebeo de picadeiras pera picar moos e fazer pedras de trões e bombardas XXII peças e despemdeo LXXXIII peças e asy despemdeo mais LXI peças. E recebeo pera guoarnimentos pera atafanas hũa peça sem moos e despemdeo duas peças sem moos e assy despemdeo mais hũa peça. E recebeo de botas com sarro hũa peça e despemdeo duas peças cheeas e VIII arratees e asy despemdeo mais hũa bota chea e oyto arratees. E recebeo de relhas XIII peças as quaaes despemdeo nos çintos. E recebeo de travessas pera çintos XI peças as quaaes despemdeo nos çintos. E recebeo de farpas com fivelas quarta peças as quaaes despemdeo nos çintos. E recebeo de colobretas IIII^c XXXIX peças e despemdeo IIII^c LRV peças com XVI peças de metall com II^c III camaras e asy despemdeo mais LVI peças. E recebeo de peças d'arneses dianteiros XXXVI peças as quaaes deve das quaaes lhe foram descontadas XXVIII espaldeiras que mais despemdeo no totalez dellas e asy deve aimda VIII peças. E recebeo de jubanetes hũa peça com hũu mangote o quall despemdeo. E recebeo de lanças d'omões de pee L^c XXII peças e despemdeo VIII^c LXIX peças e asy despemdeo mais III^c XVII

⁴² Segue-se *nesa* riscada.

⁴³ Segue-se *pera* riscada.

peças. E recebeo de pedras pera bonbaldas e trões \bar{V} CXVIII peças as quaaes despemdeo. E recebeo de buchas mil IX^c X peças e despemdeo \bar{IX} V^c LXXIII peças e assy despemdeo mais \bar{VII} VI^c LXIII peças. E recebeo de astes de lanças d'omões de pee RV duzeas e VII peças e despemdeo mil IIII^c LXVI peças com LXXX peças podres e asy despemdeo mais IX^c XIX peças. E recebeo de camaras de trões CIIII peças e despemdeo XIX peças e asy deve LXXXV peças as quaaes lhe descontaarom das VI^c IX camaras dos dictos trões que mais despemdeo com elles segundo se contem no tataloz delles⁴⁴ <e> asy he quite. E recebeo de polvora LXXII quintaaes duas arrovas e VII libras e despemdeo LRVII quintaaes III arrovas e IIIII libras quarta e asy despemdeo mais XXV quintaaes XIII libras e quarta. E recebeo de gruude quatro quintaaes tres arrovas e VII libras quarta o quall despemdeo. E recebeo de frechas II^c XXVIII peças as quaaes despemdeo. E recebeo de polees pera beestas LXVIII peças e despemdeo II^c LXXXIX peças e asy despemdeo mais II^c XXI peças. E recebeo de braçoões II^c LXXIIII pares e hũa peça e despemdeo III^c LXXV pares e assy despemdeo mais cem pares e hũa peça. E recebeo de bordos L peças os quaaes despemdeo. E recebeo d'anill seis arratees ho qual despemdeo. E recebeo d'azarnefe VI arratees ho quall despemdeo. E recebeo de pano de linho VI^c LIX varas mea o quall despemdeo. E recebeo de follees cinco pares guoarnidos os quaaes despemdeo. E recebeo de reigadas de cornos de çervo VI^c LRII os quaaes despemdeo. E recebeo de cabos de paaõ pera garruchas R peças e despemdeo CXXII pares e assy despemdeo mais LXXXII peças. E recebeo de barris de paaõ duas peças as quaaes despemdeo. E recebeo de pregos de seetia L peças e despemdeo dous mil IIII^c LXXXIII peças e asy despemdeo mais \bar{II} II^c XXXIII peças. E recebeo d'arcos de pelouros IX peças os quaaes despemdeo. E recebeo de odres L peças e despemdeo LXXXVII peças e asy despemdeo mais XXXVII peças. E recebeo de lonas VI varas as quaaes despemdeo. E recebeo de çendall quatro peças as quaaes despemdeo e mais CXVII pedaços. E recebeo de pregos de galiota \bar{IIII} IX^c peças as quaaes despemdeo. E recebeo de pregos garrotes mil peças e despemdeo IX^c LXXIIII peças e asy deve XXVI peças. E recebeo de pregos de telhado \bar{II} peças os quaaes despemdeo. E recebeo d'abrolhos \bar{III} C peças os quaaes despemdeo. E recebeo de fouçinhas e fouçinhos CL peças e despemdeo CRIX peças e assy deve hũa peça. E recebeo d'arteficios pera tirar colobretas hũa peça a quall despemdeo. E recebeo d'estrebeiras XXIIII pares as quaaes despemdeo. E recebeo de panos pera sobrecargas XXX peças e despemdeo LVI peças e assy despemdeo mais XXVI peças. E recebeo de mangotes LXXXII pares e despemdeo III^c XXXI pares e assy despemdeo

⁴⁴ Repete: *delles*.

mais II^c RIX pares. E recebeo de loros pera estrebeiras XXIII pares os quaaes despeneo. E recebeo de bridas pera cavallos RII peças e despeneo RVIII peças e asy despeneo mais seis peças com VI mosos ginetes e cabeçadas. E recebeo de sagostes XXVIII peças os quaaes despeneo. E recebeo de ferradas de coiro L peças e despeneo RIX peças e asy deve hũa peça. E recebeo de colares e cabrestos de cavallos cem peças os L colares e os L cabrestos os quaaes despeneo. E recebeo de formas de paaõ pera colobretas V peças as quaaes despeneo. E recebeo⁴⁵ as quaaes despeneo. E recebeo de cravos de ferrar CXVI VIII^c e XXXVIII peças e despeneo CXXXIX VII^c LXXV peças e asy despeneo mais XXII IX^c XXXVII peças. E recebeo de foniis de folha de ferro grandes e pequenos V^c LXV peças os quaaes despeneo. E recebeo d'atacas de coiro brancas e vermelhas e de linho VI^c XXXVI duzeas as quaaes despeneo. E recebeo de parchos vermelhos e brancos duas duzeas os quaaes despeneo. E recebeo de pelles de baldreu XXII peças e despeneo XXXVII peças e asy despeneo mais XV peças. E recebeo de grosas II peças as quaaes despeneo. E recebeo cizees IIII peças as quaaes despeneo. E recebeo de rebotes II peças as quaaes despeneo. E recebeo de cuitellos de dous cabos hũa peça o quall despeneo. E recebeo de barretas CLXXIII peças as quaaes despeneo. E recebeo de çapatos de ferro tres pares e despeneo V pares e asy despeneo mais dous pares. E recebeo de jaques e loudees XIIIIII peças os quaaes despeneo. E recebeo de sellas de guerra XIX peças e despeneo XXXI peças as XIIIIII sem cilhas e com estrebeiras e as IIII peças nom som pera prestar e as outras boas e asy despeneo mais XII peças. E recebeo de sellas de justa tres peças e despeneo VII peças e asy despeneo mais IIII peças. E recebeo de varas de justa LXXVIII peças e despeneo LXXXVIII peças e asy despeneo mais X peças. E recebeo de carretas ferradas [fl. 28v.º] pera bombardas hũa peça com quatro rodas a quall despeneo. E recebeo de beestas de torno e meo torno XXVI peças e despeneo RII peças e asy despeneo mais XVI peças. E recebeo de bogas hũa peça e despeneo duas peças e asy despeneo mais hũa peça. E recebeo d'alcaravezes hũa peça e despeneo duas peças e asy despeneo mais hũa peça. E recebeo de vecellas VIII peças e despeneo XVI peças e assi despeneo mais VIII peças. E recebeo de aguilhoes per enxoo IIII peças as quaaes despeneo. E recebeo de pregos coutares II V^c XXIII peças e despeneo IIII III^c LXIII peças e assi despeneo mais mil IX^c RIX peças e por estes que mais despeneo lhe som contados III LXIII peças de pregos de galliota em que ficou devedor no totallez delles e assi despeneo mais mil V^c LXXXVI peças. E recebeo de pregos palmares IX^c LRVIII peças os quaaes

⁴⁵ Segue-se texto riscado.

despendeo. E recebeo de carretas d'Antre Doiro e Minho hũa peça e despeneo III peças e assi despeneo mais II peças. E recebeo de paaos de freixeo IIII peças e despeneo hũa peça e assi deve III peças. E recebeo de charneiras mil CXXI peças e despeneo II V^c XXXVII peças e assi despeneo mais mil IV^c e XVI peças. E recebeo de guarnimentos pera fivellas pera arneses de charneiras mil IX^c XVIII peças as quaaes despeneo. E recebeo de jubões de fustam d'armar IIII peças os quaaes despeneo. E recebeo d'aluquetes hũa peça a quall despeneo. E recebeo de telhas II^c LXV peças as quaaes despeneo. E recebeo de canos pera folles de ferreiros II peças os quaaes despeneo. E recebeo de guarnimentos pera bombardas IIII peças os quaaes despeneo. E recebeo de pernos com aninas VIII peças os quaaes despeneo. E recebeo de guarnimentos pera carros II peças os quaaes despeneo. E recebeo de formas pera fazer pedras pera bombardas III peças e despeneo V peças e assy despeneo mais II peças. E recebeo de antrepeitos pera ⁴⁶ bombardas LXI peças e despeneo RI peças e assi deve XX peças. E recebeo de malhetes pera bombardas com pregos e chaves hũa peça a quall despeneo. E recebeo de bombardetas de metall hũa peça a quall despeneo. E recebeo de meas faldras dianteiras IIII peças as quaaes despeneo. E recebeo de canos dez pares os quaaes despeneo. E recebeo de fechos pera trões II peças os quaaes despeneo. E recebeo d'espaldaços hũa peça e despeneo LVI peças e assi despeneo mais LV peças. E recebeo de baveiras XXIX peças e despeneo RIII peças e assi despeneo mais XIIIII peças. E recebeo de panellas de metall hũa peça a quall despeneo. E recebeo de tachas RII VI^c L peças grandes e pequenas e despeneo LIIII IIII^c LXXXIX peças e assi despeneo mais XI VIII^c XXXIX peças. E recebeo de fustaaes X peças e tres covados e despeneo XX peças tres covados e assi despeneo mais X peças. E recebeo de bocassim II peças o quall despeneo. E recebeo de alanternas XX peças e despeneo XXIIII peças e assi despeneo mais II peças. E recebeo de borreos pera as bestas da carreta VI peças os quaaes despeneo. E recebeo de pellouros de chunbo L peças e despeneo III III^c XXX peças e assi despeneo mais III II^c LXXX peças. E recebeo de pratos de justa II peças e despeneo XII peças e assi despeneo mais dez peças. E recebeo de ruquetes XI peças e despeneo LXXIIII peças e assy despeneo LXIII peças. E recebeo de guçetes VI peças e despeneo LVII peças e assi despeneo mais LI peças. E recebeo de arandellas IX peças e despeneo XXIIII peças e assi despeneo mais XV peças. E recebeo de peellas de ferro hocas pera poer fogo XXV peças as quaaes despeneo. E recebeo de cascos de gualteiras pera esgrima III peças os quaaes despeneo. E recebeo de farpas pera

⁴⁶ Segue-se uma palavra riscada.

çintos XXXI peças as quaaes despendeo. E recebeo de pregos pera trões hũa arrova os quaaes despendeo. E recebeo de correas pera beestas d' aço XIII peças e despendeo XII peças e assi deve hũa peça. E recebeo de cestas de verga II^c XI peças e despendeo III^c peças e assi despendeo mais LXXXIX peças. E recebeo d'agua ardente tres canadas em duas arredomas a quall despendeo. E recebeo d'azougue hũa libra e mea a quall despendeo. E recebeo d'algadron hũa arrova e despendeo hũa libra e assi deve XV libras. E recebeo de bracetes pera arcos de freechas XII peças os quaaes despendeo. E recebeo de varas verdes de castanho VII^v V^c peças as quaaes despendeu. E recebeo de sinos com seus badallos hũa peça a quall despendeo. E recebeo de sendeiros de vento II peças os quaaes despendeo. E recebeo de papell de marca grande XXIII m̃aos e despendeo XXIII m̃aos e mea e assi despendeo mais mea m̃ao. E recebeo de moos de moer ferramentas X peças e despendeo XI peças com cinco rebollos que forom das dictas moos e assi despendeo mais hũa peça. E recebeo de camaras pera bombardas III peças e despendeo LIII peças e assy despendeo mais L peças. E recebeo de virotes XXIII peças e despendeo LII e assi despendeo mais XXVIII peças. E recebeo de viras XII peças e despendeo XXXV peças e assy despendeo mais XXIII peças. E recebeo de cascos com gualteiras XXXIX peças e despendeo CLIX peças e assy despendeo mais CXX peças.

Item recebeo de ferros de lanças d'armas nichil e despendeo CXXII peças. E recebeo de pendooes de çendall nichil [*e despendeo*] VI^c XXIX peças. E recebeo de canbos de ferros nichil e despendeo LIX peças. E recebeo de astes de rollões nichil e despendeo II peças. E recebeo de cadeas com ganchos pera bombardas nichil e despendeo IIII peças. E recebeo de quaixas grandes longas nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de grades com cordas nichil e despendeo L peças. E recebeo de coxotes nichil e despendeo III peças. E recebeo de carneiro nichil e despendeo VIII peças. E recebeo de assaas pera trões nichil e despendeo V peças. E recebeo de chapas pera trões nichil e despendeo VII peças. E recebeo de maças de metall nichil e despendeo VIII peças com V de cobre. E recebeo de pano de linho azull brunido nichil e despendeo L varas. E recebeo de goma e galha e aziche nichil e despendeo CVIII onças. E recebeo d'almafariços nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de taleigas de liteiro nichil e despendeo CVII peças. E recebeo de poo de salgueiro nichil e despendeo hũu quintaal em hũa rondella. E recebeo de raspas nichil e despendeo I peça. E recebeo de pelles carneiras nichil e despendeo VI peças. E recebeo de fozis de ferir fogo nichil e despendeo XVIII peças. E recebeo de pedra hume nichil e despendeo II arratees. E recebeo de quaixas pera pellouros de chunbo nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de restes de justa nichil e despendeo V peças podres. E recebeo de braçaas de justa nichil e des-

pendeo II peças. E recebeo de soylhas de justa nichil e despendeo XI peças velhas podres. E recebeo d'estrebeiras nichil e despendeo hũu par. E recebeo de paaos de justa nichil e despendeo XVIII peças. E recebeo de mãaos de coiro de torneio nichil e despendeo IIII peças. E recebeo de allooes pera guarneçer armas nichil e despendeo CI peças. E recebeo de cabos pera machados nichil e despendeo XXI peças. E recebeo de buçetas vazias nichil e despendeo VII peças. E recebeo de cera nichil e despendeo VI arratees. E recebeo de rezina nichil e despendeo VIII arratees. E recebeo de paaos de teixo nichil [*e despendeo*] VI^c LXXIII peças. E recebeo de tonees vazios nichil e despendeo VII peças. E recebeo de vernos nichil e despendeo II molhos e LV peças. E recebeo de astes de lanças pera bandeiras das hesas nichil e despendeo R peças. E recebeo de chaves pera coronhas nichil [*e despendeo*] II^c VIII peças. E recebeo de cogneiros nichil e despendeo VI peças. E recebeo d'espeques nichil e despendeo IIII peças. E recebeo de candeas de sevo nichil e despendeo hũua libra. E recebeo de argollas de ferro nichil e despendeo IIII peças. E recebeo de contos de ferro pera lanças nichil e despendeo hũua peça. E recebeo de buchos e galhardos nichil e despendeo IIII peças. E recebeo de canos sem galhardos e sem buchos nichil e despendeo II peças. E recebeo de capazes de Frandes nichil e despendeo IIII peças. E recebeo de fachas de ferro nichil e despendeo XXXIII peças velhas sem cabos. E recebeo de faldas d'arnesses de Frandes nichil e despendeo IIII peças doutras conpridas e as outras duas nom. E recebeo de laminas d'arneses de Frandes nichil e despendeo VI peças com hũua soma das solhas velhas que nom som pera prestar. E recebeo d'estrebeiras de capuchos nichil e despendeo hũua peça. E recebeo de cabeçadas de mullas nichil e despendeo II peças com RVII pendentes dourados e esmaltados. E recebeo de cabeçadas de cavallos nichil e despendeo V peças. E recebeo de redeas guarnidas pera as dictas cabeçadas nichil e despendeo IIII peças. E recebeo de retrancas e peitoraaes nichil e despendeo hũuas guarnecidas e conpridas. E recebeo de beestas marchetadas com garruchas nichil e despendeo II peças. E recebeo de beestas d'arteifijos d'arte nova nichil e despendeo V peças. E recebeo de beestas pera pellouros nichil e despendeo hũua peça. E recebeo de vergas de ferro pera cabos de bisarmas nichil e despendeo XX peças. E recebeo de cavalletes do tempo antygo nichil e despendeo II peças. E recebeo de panos pera cistos nichil e despendeo VIII peças. E recebeo de ferros de viratões em asteados nichil e despendeo VII^c peças. E recebeo de viratões pera beestas de torno nichil e despendeo LXXV peças. E recebeo de martinets de paaos com chunbadas de ferro nichil e despendeo hũua peça. E recebeo de armatostes nichil e despendeo duas peças [*fl. 29*]. E recebeo de ferros forcados pera armar beestas de torno nichil e despendeo X peças. E recebeo de cravetes pera coronhas nichil e despendeo VII^c LR peças. E recebeo de machas femeas pera coronhas nichil e des-

pendeo LV pares e hũa femea. E recebeo de chavetas pera beestas nichil e despendeo LRII peças. E recebeo de calços pera nozes de beestas nichil e despendeo LVIII peças. E recebeo de folgas pera coronhas de beestas nichil e despendeo LXXII peças. E recebeo de canbos estanhados pera grades de pollees nichil e despendeo II^c LXXVI peças. E recebeo de ⁴⁷pregos pera folgas de coronhas nichil e despendeo LVII peças. E recebeo de coronhas nichil e despendeo LVII peças. E recebeo de coroas de paaõ pintadas pera poer nas pontas das lanças que teem as bandeiras nas esas nichil e despendeo VII peças. E recebeo de folipos de baldreu nichil e despendeo XXXIII peças. E recebeo de correas pera faldrões nichil e despendeo XX peças. E recebeo de cubos de coiro pera cavallos de torneio nichil e despendeo II peças. E recebeo de cordooes pera escudos de justa nichil e despendeo XXI peças. E recebeo de peças de paaõ emcoirados pera torneos nichil e despendeo C peças. E recebeo de compasos de ferro nichil e despendeo IIII peças. E recebeo de cabos pera verumas nichil e despendeo RI peças. E recebeo de folhas de serras abertas nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de ferros forcados pera fozis de serras braçaaes nichil e despendeo IIII peças. E recebeo de ronpedeiras de ferro nichil e despendeo II peças. E recebeo de tufos de ferro nichil e despendeo IIII peças. E recebeo de barriis d'alimpar armas nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de formas pera fachas de chunbo nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de chapas de ferro pera carretas nichil e despendeo IX peças. E recebeo ⁴⁸de ferros pera carretas nichil e despendeo XIIIIII peças. E recebeo d'argollas de ferro pera as dictas carretas nichil e despendeo IIII peças. E recebeo de ganchos de ferro nichil e despendeo XVI peças. E recebeo de pernos de ferro pera carretas nichil e despendeo LR peças. E recebeo de rondanas de ferro nichil e despendeo RIII peças. E recebeo d'escumadas de ferro nichil e despendeo duas peças. E recebeo de pisões de ferro pera pisar salitre nichil e despendeo VI peças. E recebeo de golfoes de ferro pera quaixas nichil e despendeo LXVI peças. E recebeo de restes pera jubanetes e soylhas nichil e despendeo XXVI peças estanhadas. E recebeo d'aninas nichil e despendeo XII peças. E recebeo de mantas de aduella nichil e despendeo ⁴⁹hũa peça com suas rodas. E recebeo d'esteos pera tindilhoes nichil e despendeo II peças. E recebeo de rodelhoes pera atafonas nichil e despendeo VI peças. E recebeo de taipaaes nichil e despendeo XV peças. E recebeo de maços pera fazer taipas nichil e despendeo V peças. E recebeo de fechos pera os dictos taipaaes nichil e despendeo

⁴⁷ Segue-se *folgas* riscado.

⁴⁸ No texto: *despendeo*.

⁴⁹ Segue-se palavra riscada.

XX peças. E recebeo de ferros longos delgados pera fazer furos das estacas das tendas nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de relhadas nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de collares de ferro nichil e despendeo IX peças. E recebeo de folhas d'espadas nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de canos de metall nichil e despendeo II peças. E recebeo de forcados de ferro nichil e despendeo II peças. E recebeo de cuitellos de deribar feno nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de tornos de ferro pera andes nichil e despendeo XII peças. E recebeo de caabrias com que guindam as bonbardas nichil e despendeo II peças. E recebeo cangas com quanziis nichil e despendeu hũa peça. E recebeo de paaos que perteençem⁵⁰ aas carretas nichil e despendeo VIII peças. E recebeo de caibros nichil e despendeo LXXXVII peças. E recebeo de paaos de teixo nichil e despendeo III^c LR peças. E recebeo d'escaleiras pera voltar paaos pera beestas nichil e despendeo XXV peças. E recebeo de jarras com verniz nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de bancos nichil e despendeo II peças. E recebeo de taalhas pera azeite nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de rodas de pao pera esmerill nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de pias de pedra nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de peças de allooes sem peitos nichil e despendeo CLIX peças. E recebeo de peitos de justa com espaldeiras nichil e despendeo III peças. E recebeo de peitos de soylhas nichil e despendeo XIII peças. E recebeo de talhadeiras de cortar ferro nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de ferro de muitas maneiras nichil e despendeo hũa bota chea. E recebeo de ferros de viratooes garrotes nichil e despendeo XIII L peças. E recebeo de alcandaras de pao nichil e despendeo II peças. E recebeo de pregos velhos e doutro ferro nichil e despendeo meo cesto. E recebeo de cabos pera martellos nichil e despendeo XXVIII peças. E recebeo de tinta pera escrepver nichil e despendeo hũa almude em dous barriis. E recebeo de bridas de cubos nichil e despendeo hũa peça. E recebeo de beestas cadernaes nichil e despendeo XXV peças. E recebeo de nozees pera beestas nichil e despendeo VI^c RIX peças. E recebeo de pregos pera cintas nichil e despendeo VII^c peças. E recebeo de lategos nichil e despendeo II^c RVIII peças. E recebeo de pedras pera engenhos nichil e despendeo RIII peças. E recebeo d'aduellas de botas e rondellas nichil e despendeo LXXVI peças.

Dos quaaes dinheiros e cousas em que nos assy ficou devedor o dicto Gonçallo Afonso em o dicto tempo em que assy por nos recebeo e despendeo como suso dicto he lhe fazemos de todo mercee pollo serviço que nos fez. E quanto he aas outras cousas que mais despendeo segundo se mostra per sua recadaçom esto foy

⁵⁰ No texto: *perteençem*.

per mingua dos escriptaaes do dicto almazem no lhas ascentarem em saa recepta e assy que fazem por nos per bem desta razam e segundo regra de contos as quaaes receptas e despesas nos vimos pello corpo da dicta recadaçom que desto he fecta e ouvemollas e aprovamollas por boas e bem fectas por seermos em verdadeiro conhecimento dellas. E por quanto o dicto Gonçallo Afonso nos deu de todo o que assy por nos reçoebio e despeneo em o dicto tempo assy dos dinheiros e ouros como de todas as outras cousas bom conto e recado com paga e entrega segundo aquy faz mençom. Damos o dicto Gonçallo Afonso por quite e livre deste dia pera todo sempre ell e todos seus bees e herdeiros e sobcesores que depois dell vierem que nunca em nehũ tempo por estas cousas nem cada hũa dellas sejam demandados nem requeridos e esto lhe fazemos nom enbargando quaaes quer lex e direitos e openioes de doutores que em contrairo dello sejam.

Item porem mandamos aos nossos veedores da fazenda, contadores, corregedores, juizes e justiças e outros quaaes quer ofiçiaaes e pessoas que esto ouverem de veer que o ajam por quite e livre de todallas dictas cousas e cada hũa dellas e nom o requeiram nem demandem por ellas em nehũ tempo que seja. E tam pouco seus herdeiros e sobcesores. E lhe conpram e guardem e façam conprir e guardar esta quitaçom assi e pella guisa que em ella he contheudo. E em testemunho delle lhe mandamos dar esta nossa carta asiinada per nos e asseellada do nosso seello pendiente. Dante em a dicta cidade de Lixboa XXI dias do mes de Julho. El Rey o mandou Afonso Alvarez a fez. Anno do nascimento de Nosso Senhor Jhesu Christo de mil e IIII^c LV.

GLOSSÁRIO⁵¹

Aduela: tábua estreita e geralmente encurvada.

Alcânave: diz-se de uma variedade de linho próxima do cânhamo.

Alcaravez: tubo de ferro, que conduz o ar do fole à forja.

Aljava: carcaz, coldre ou estojo, pendente do ombro, em que se punham as setas.

Almazém: termo utilizado antigamente, não para designar todas as armas em geral (defensivas e ofensivas), mas apenas as setas, os dardos, os pelouros e tudo aquilo que se levava nos carcazes, nas bolsas ou nas aljvas e com que, à distância, se visava o inimigo.

Almude: antiga medida de cereais, variável de 16 a 25 litros. // Antiga medida de líquidos, correspondente a 12 canadas ou 48 quartilhos.

Argãas: alforges, taleigas.

⁵¹ Bibliografia utilizada neste Glossário: Fr. Joaquim de Santa Rosa Viterbo, *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usáram*..., Lisboa, 1798-1799 (2 vols.); *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Editorial Enciclopédia, Lda., Lisboa-Rio de Janeiro, s.d. (37 vols.); José Pedro Machado (coord.), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1991 (6 vols.).

No que diz respeito às inúmeras peças de armamento (defensivo e ofensivo) referidas na carta de quitação que aqui transcrevemos, sugerimos ao leitor a consulta do detalhado catálogo da exposição «Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português» (Câmara Municipal de Palmela, 2000, coord. de Mário Jorge Barroca, João Gouveia Monteiro e Isabel Cristina Ferreira Fernandes). Desta exposição provêm, aliás, todas as gravuras que apresentamos em anexo. Na impossibilidade, óbvia, de acolher neste Glossário todos os termos relativos a armamento que constam do documento da Chancelaria de D. Afonso V, optámos por apenas incluir aqueles que, porventura, o leitor menos familiarizado com estes temas poderia não associar com o armamento militar medieval português.

Armatoste: pequeno engenho com que antigamente, e com grande facilidade, se armavam as bestas.

Arrátel: antigo peso de 16 onças, equivalente a 456 gramas.

Arroba: antigo peso de 32 arráteis ou a quarta parte de um quintal, igual a 14 quilos e 788 gramas, que presentemente se arredonda em 15 quilos.

Azarnefe: espécie de veneno.

Ataca: pequena tira de couro, ou cordão com que se ataca ou aperta alguma coisa, principalmente peça de vestuário; atacador.

Baldréu: pelica para luvas, de cujas aparas se faz cola.

Bota: espécie de tonel com capacidade para $\frac{3}{4}$ de pipa; espécie de odre antigo, ou borraça para água, ou vinho; saco de couro⁵².

Braça: medida antiga de extensão de 7 pés geométricos, ou 10 palmos de craveira, ou 2,20 m.

Bragal: pano grosseiro, com trama de cordão, de que se faziam antigamente bragas, toalhas, etc. Conjunto de roupa branca de uma casa.

Broquel: escudo pequeno, usado antigamente e que, em geral, apresentava no meio um umbigo de metal que cobria a «embraceadeira», a qual estava por dentro e por onde se segurava a peça.

Canada: antiga medida portuguesa de 4 quartilhos e que era a 12.^a parte do almude.

Cântaro: medida de doze canadas ou 12,8 litros; almude.

Cendal: tecido transparente e fino.

Corpo: em sentido restrito: o busto.

Côvado: antiga medida linear, que corresponde a 66 centímetros.

Escudela: malga, tigela de madeira; vasilha arredondada própria para comida.

Esmeril: pedra dura que, reduzida a pó, serve para polir metais, vidro, etc.

⁵² Na carta de quitação em apreço, há referências a diversos outros recipientes, ainda que sem ligação expressa com o acondicionamento ou o transporte de armamento: arcas, alcofas, cestos de verga, seiras de esparto, alguidares de barro, tonéis, odres, bocetas, jarras, talhas, etc.

Esparto: nome vulgar de uma planta herbácea, da família das Gramíneas, espontânea no Algarve. É muito empregada na indústria de capachos, cordas, esteiras, etc.

Essa: estrado alto, em que se coloca o caixão durante as exéquias; catafalco.

Estofa: tecido rico de lã, seda, algodão, etc, especialmente quando encorpado.

Flandres (no texto: Frandes): designação da folha de ferro laminada, batida e estanhada, cujo emprego mais geral é na fabricação de latas: folha-de-flandres, ou, simplesmente, flandres.

Frocadura: ornato de froco ou frocos; frocado.

Froco: felpa de lã ou de seda tecida em cordão (ou cortada em bocadinhos depois de tecido) e que serve para bõrdar, para ornatos de vestuário, etc.

Garrucha: acessório com que se armavam as bestas.

Guindareza (no texto: guindaresa): cabo que servia para trabalhar os guindastes antigos, feitos com rodas de madeira.

Gurguz/Gurguzes: dardos, virotões, quadrelos ou armas de arremesso, cujo lançamento se fazia por meio de grandes bestas, á diferença das setas, que se atiravam com arcos.

Jubanete: pequeno gibão de aço, ou de ferro.

Látego: açoite, chicote azorrague de cordas ou correias. // A corda da cilha da sobrecarga, enquerideira.

Liaça: coisas ligadas, feixe.

Liame: cordame de embarcação de vela.

Libra: antiga unidade de peso, variável segundo as épocas e os países, mas muitas vezes usada como equivalendo a 459,5 gramas, e também como sinónimo de arrátel.

Macho-fêmea: diz-se de um modo de unir duas peças por entalhadura.

Místico (no texto: mistigo): misto, misturado, de natureza composta.

Onça: peso antigo equivalente a 28,691 gramas.

Pedra ume: ume é o mesmo que alúmen. O alúmen é inodoro, de sabor ácido, solúvel na água. Emprega-se nas tinturarias, como mordente, na preparação de peles, que torna imputrescíveis, para clarificar as águas lodosas e os sebos, para conservar madeiras, como adstringente e antisséptico.

- Pelouro:** bala de pedra ou de metal, que se empregava em algumas peças da primitiva artilharia.
- Polé:** roldana que se aplicava na parte posterior da besta e que se destinava a retesar a corda que prendia as pontas do respectivo arco e a fixá-la em tensão na noz.
- Relho:** o fecho ou fivelão com que se apertavam os cintos.
- Resma:** vinte mãos de papel ou quinhentas folhas.
- Salitre:** designação vulgar do nitrato de potássio, nitro, ou azotato de potássio. Quando misturado com substâncias combustíveis, forma explosivos.
- Senhos/as:** seus, ou suas, ou cada um seu, ou sua.
- Solha:** arma defensiva muito usada nos sécs. XIII a XV; era fabricada em «couro fervido» (especialmente resistente), sendo acolchoada e forrada interiormente por telas de estopa de cânhamo, entre as quais eram embutidas lâminas de ferro imbricadas ou dispostas lado-a-lado (lembrando a configuração do peixe «solha»), presas por meio de cravos. Também conhecida por «couraça».
- Tendilhão:** barraca de campanha; pavilhão; tenda.
- Tomento:** a fibra mais áspera do linho; estopa grossa.
- Vira:** pedaço de couro que cobria a palma da mão e que segurava no dedo polegar. Era utilizada pelos besteiros, para evitarem magoar-se quando armavam as suas poderosas bestas.

ÍNDICE

Nota Prévia	7
O caso do arsenal régio de Lisboa (1438-1448)	11
Quadro sinóptico da carta de quitação de 1455	43
Carta de quitação a Gonçalo Afonso	61
Glossário	81
Índice	85

Composto, impresso e brochado na
Secção de Artes Gráficas das Oficinas
de Trabalho Protegido da APPACDM
de Braga, Rua da Bouça - Quinta do
Amorim, Gualtar - 4710-053 Braga.

ISBN 972-8575-20-3



9 789728 575205

João Gouveia Monteiro nasceu em 24 de Setembro de 1958, na cidade de Coimbra, de cuja Faculdade de Letras é hoje Professor Auxiliar. Doutorou-se nesta Universidade em 1997 (com o estudo *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*, distinguido com o Prémio Defesa Nacional) leccionando actualmente as disciplinas de “História da Idade Média” e “História Militar de Portugal”.

Desde 1989, e após alguns estudos produzidos noutras áreas (com destaque para o livro *Fernão Lopes, texto e contexto*), que se dedica à investigação da história militar medieval portuguesa, matéria sobre a qual tem já publicados numerosos trabalhos. Em 1999, publicou o livro *Os castelos Portugueses dos finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*, galardoado com o Prémio de Defesa Nacional - 1999.

Coordena um amplo projecto de pesquisa interdisciplinar no Campo Militar de S. Jorge - Aljubarrota, cujos resultados serão brevemente publicados em monografia colectiva.

Tem-se empenhado igualmente na tradução de obras importantes para o conhecimento da História Medieval, como as de Aron Gurevitch e Sir Peter Russell.

É membro-fundador do Conselho Científico da Comissão Portuguesa de História Militar e da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, sendo actualmente Vice-Presidente do Conselho Científico e Presidente da Comissão Científica do Grupo de História da sua Faculdade.

Edição apoiada por:

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

**POCTI - Programa Operacional Ciência,
Tecnologia e Inovação**

